



# **ACADEMIA MILITAR**

**Emprego de Tropas Especiais em Forças Nacionais Destacadas**

**Estudo de Caso: Teatro de Operações da República Centro  
Africana**

**Autor:** Aspirante de Infantaria Tiago Teixeira Domingos Mendes Lomba

**Orientador:** Tenente-Coronel de Infantaria “Comando” Musa Gonçalves Paulino

**Mestrado integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, maio de 2019**



# **ACADEMIA MILITAR**

**Emprego de Tropas Especiais em Forças Nacionais Destacadas**

**Estudo de Caso: Teatro de Operações da República Centro  
Africana**

**Autor:** Aspirante de Infantaria Tiago Teixeira Domingos Mendes Lomba

**Orientador:** Tenente-Coronel de Infantaria “Comando” Musa Gonçalves Paulino

**Mestrado integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, maio de 2019**

## EPÍGRAFE

*“Discipline is the soul of an army. It makes small numbers formidable; procures success to the weak, and esteem to all”*

George Washington

## DEDICATÓRIAS

A ti meu camarada e amigo Miguel Ribeiro, que estás a olhar por todos nós e a todas as pessoas que me apoiaram e acreditaram em mim, pois sem vocês eu nunca seria a pessoa que sou hoje.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente Relatório Científico do Trabalho de Investigação Aplicada é o resultado de uma extensa investigação proveniente de um esforço e dedicação acrescido. A sua realização contou com o apoio e contributo de várias pessoas que merecem todo o meu apreço e agradecimento.

Ao Tenente-Coronel de Infantaria “Comando” Musa Gonçalves Paulino, que como orientador deste trabalho mostrou total disponibilidade, apreço e dedicação para me auxiliar em todos os momentos sendo que o seu apoio e orientação ao longo desta investigação foi crucial e como tal o seu contributo revelou-se imprescindível.

Ao Tenente-Coronel de Infantaria Gomes Ribeiro e ao Major de Infantaria Araújo e Silva que na qualidade de Diretores de Curso da Arma de Infantaria foram essenciais para o meu desenvolvimento como militar e como pessoa através da sua dedicação e camaradagem para com o curso de Infantaria.

A todos os Oficiais do Exército Português que, de forma direta ou indireta, me auxiliaram no trabalho através dos seus conhecimentos, experiências e conselhos, sendo que o seu contributo foi essencial para alcançar os objetivos da investigação.

Aos meus camaradas de curso e especialmente ao curso de Infantaria que me acompanharam ao longo desta grande jornada e que sempre me apoiaram nos melhores e piores momentos.

Por fim à minha família e namorada, que constituem o pilar mais importante da minha vida, que me incentivaram e ajudaram, não só na realização deste trabalho, mas em todas as etapas da minha vida, é a vocês que eu devo tudo o que sou.

A todos vós o meu sincero obrigado.

Aspirante Infantaria Tiago Lomba

## RESUMO

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada está subordinado ao tema “Emprego de Tropas Especiais em Forças Nacionais Destacadas – Estudo de Caso: Teatro de Operações da República Centro Africana”

Este trabalho de investigação tem como objetivo identificar de que modo é que as Tropas Especiais do Exército Português podem ser empenhadas em missões Internacionais como Forças Nacionais Destacadas.

Para esta investigação optou-se por usar o modelo hipotético-dedutivo, sendo que no final da investigação são verificadas as hipóteses enunciadas, são respondidas as perguntas derivadas e por último responde-se à pergunta de partida. Os dados recolhidos na investigação são provenientes da análise documental e da análise qualitativa das entrevistas realizadas.

Esta investigação encontra-se dividida em duas partes: A Parte I – Enquadramento Teórico, a Parte II – Prática. Na parte I é apresentado um enquadramento teórico dos conceitos fundamentais da investigação. Na Parte II são expostos os procedimentos e metodologias utilizados na investigação, a análise e discussão dos resultados alcançados e por fim as conclusões obtidas.

Como conclusões da investigação identificou-se que o emprego ideal de Forças Nacionais Destacadas, constituídas por unidades de manobra provenientes de Tropas Especiais, nomeadamente por Forças Comandos e Paraquedistas, deverá ter em conta fatores como as especificidades do Teatro de Operações, a missão e tarefas a serem desempenhadas. Estas Forças, de acordo com as suas capacidades de emprego operacional são mais adequadas para serem empenhadas em Teatros de Operações caracterizados pela elevada complexidade, grande incerteza e risco e em missões e tarefas onde as mesmas capacidades sejam o mais aproveitadas, nomeadamente tarefas decisivas. O emprego operacional das Forças Nacionais Destacadas para o Teatro de Operações da República Centro Africana é considerado adequado uma vez que vai ao encontro ao quadro de emprego previsível e expectável para as Tropas Especiais, nomeadamente as Forças Comandos e Paraquedistas.

**Palavras-Chave:** Comandos, Forças Nacionais Destacadas, Paraquedistas, República Centro Africana, Teatro de Operações Tropas Especiais.

## ABSTRACT

The present final scientific report of the work of applied research is subordinated to the topic “Employment of Special Forces in National Deployed Forces – A Case Study of the Central African Republic Theater of Operations”

This research work aims to identify in what way the Special Forces of the Portuguese Army present in Central African Republic are employed in international missions as National Deployed Forces.

For this investigation it was decided to use the hypothetical-deductive model being that at the end of the investigation the hypotheses raised are verified, the derived questions are answered and finally the starting question is answered. The data collected in the investigation come from the documental analysis and from the qualitative analysis of the interviews carried out.

This research is divided into two parts, respectively Part I - Theoretical Framework and Part II - Practice. In Part I, a theoretical framework of the fundamental concepts of the research are presented. Part II presents the procedures and methodologies used in the research, the analysis and discussion of the results achieved and finally the conclusions obtained.

As conclusions of the investigation it is identified that the ideal employment of National Deployed Forces, constituted by units of maneuver coming from Special Forces, namely by Commandos and Paratroopers forces, must take into account factors such as the specifications of the theater of operations, the mission and tasks to be performed. These forces according to their operational employment capabilities are best suited to be employed in high complexity, great uncertainty and risk theaters of operations and missions and tasks where the same capabilities are most exploited, namely critical tasks. The operational use of the National Deployed Forces to the Theater of Operations of the Central African Republic is considered appropriated since it meets the desired employment for the Special Forces, namely the Commandos and Paratroopers forces

**Keywords:** Commandos, National Deployed Forces, Paratroopers, Central African Republic, Theater of Operations Special Forces.

## ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE .....	i
DEDICATÓRIAS .....	ii
AGRADECIMENTOS .....	iii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT .....	v
ÍNDICE GERAL .....	vi
ÍNDICE DE FIGURAS .....	ix
ÍNDICE DE QUADROS .....	x
ÍNDICE DE TABELAS .....	xi
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS .....	xii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS .....	xiii
INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	6
CAPÍTULO 1. EMPREGO DE TEsp .....	6
1.1. Conceptualização de TEsp.....	6
1.2. Emprego de Forças Comandos .....	7
1.3. Emprego de Forças Paraquedistas .....	10
CAPÍTULO 2. TEATRO DE OPERAÇÕES DA RCA .....	13
2.1. Enquadramento Histórico .....	13
2.2. Enquadramento Geográfico, Social e Cultural .....	16
2.3. Ameaças no TO .....	18
2.3.1. Grupos Armados Ex-Seleka .....	18
2.3.2. Grupos Armados Anti-Balaka .....	20



2.3.3. Outros Grupos Armados .....	21
CAPÍTULO 3. FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS PARA O TO RCA .....	22
3.1. Conceptualização de FND .....	22
3.2. MINUSCA - Intervenção de Portugal como FND .....	23
3.2.1. PRTQRF .....	25
PARTE II – PRÁTICA.....	27
CAPÍTULO 4. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS .....	27
4.1. Enquadramento.....	27
4.2. Método de Abordagem da Investigação .....	27
4.3. Técnicas, Procedimentos e Meios de Pesquisa.....	29
4.3.1. Entrevistas .....	30
4.4. Data, Local da Pesquisa e Recolha de Dados.....	31
4.5. Amostragem e Delimitação do Universo.....	32
4.6. Ferramentas de Recolha e Análise de Dados.....	32
CAPÍTULO 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	33
5.1. Enquadramento.....	33
5.2. Identificação dos Entrevistados .....	33
5.3. Análise do Conteúdo das Entrevistas .....	34
5.4. Discussão dos Resultados das Entrevistas.....	39
CAPÍTULO 6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....	41
6.1. Enquadramento.....	41
6.2. Verificação das Hipóteses .....	41
6.3. Respostas às Perguntas Derivadas .....	44
6.4. Resposta à Pergunta de Partida da Investigação.....	47
6.5. Reflexões Finais .....	47
6.7. Limitações da Investigação .....	48

6.8. Investigações Futuras .....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	49
APÊNDICES .....	I
APÊNDICE A – ORGANIGRAMA MINUSCA PRTQRF .....	II
APÊNDICE B – ESTRUTURA OPERACIONAL PRTQRF .....	III
APÊNDICE C – GUIÃO ENTREVISTA .....	IV
APÊNDICE D – CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA.....	VIII
APÊNDICE E – ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS .....	IX
ANEXOS .....	XVII
ANEXO A – MAPA DA RCA.....	XVIII
ANEXO B – INFLUÊNCIA DOS GRUPOS ARMADOS NA RCA.....	XIX

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n. ° 1 - Organigrama BCmds .....	8
Figura n. ° 2- Organigrama BIPara .....	10
Figura n. ° 3- Organigrama MINUSCA PRTQRF .....	II
Figura n. ° 4- Estrutura Operacional PRTQRF .....	III
Figura n. ° 5- Mapa da RCA .....	XVIII
Figura n. ° 6- Influência dos Grupos Armados na RCA .....	XIX

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 - Resposta à questão n.º 1 do guião da entrevista.....	IX
Quadro n.º 2 - Resposta à questão n.º 2 do guião da entrevista.....	IX
Quadro n.º 3 - Resposta à questão n.º 3 do guião da entrevista.....	X
Quadro n.º 4 - Resposta à questão n.º 4 do guião da entrevista.....	XI
Quadro n.º 5 - Resposta à questão n.º 5 do guião da entrevista.....	XII
Quadro n.º 6 - Resposta à questão n.º 6 do guião da entrevista.....	XII
Quadro n.º 7 - Resposta à questão n.º 7 do guião da entrevista.....	XIII
Quadro n.º 8 - Resposta à questão n.º 8 do guião da entrevista.....	XIV
Quadro n.º 9 - Resposta à questão n.º 9 do guião da entrevista.....	XV
Quadro n.º 10 - Resposta à questão n.º 10 do guião da entrevista.....	XV

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n.º 1 - Grupos Armados Ex-Seleka.....	19
Tabela n.º 2 - Grupos Armados Anti-Balaka.....	21
Tabela n.º 3- Outros Grupos Armados .....	21
Tabela n.º 4 - FND: Datas Empenhadas e Unidades Aprontadoras .....	26
Tabela n.º 5 - Pergunta de Partida e Perguntas Derivadas da Investigação.....	28
Tabela n.º 6 - Hipóteses da Investigação .....	29
Tabela n.º 7 - Identificação dos Entrevistados .....	34

## **LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS**

### **APÊNDICES**

---

<b>APÊNDICE A</b>	ORGANOGRAMA MINUSCA PRTQRF
<b>APÊNDICE B</b>	ESTRUTURA OPERACIONAL PRTQRF
<b>APÊNDICE C</b>	GUIÃO DA ENTREVISTA
<b>APÊNDICE D</b>	CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA
<b>APÊNDICE E</b>	ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

### **ANEXOS**

---

<b>ANEXO A</b>	MAPA DA RCA
<b>ANEXO B</b>	INFLUÊNCIA DOS GRUPOS ARMADOS NA RCA

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

**3R** - *Return, Reclamation, Rehabilitation*

**AM** – Academia Militar

**AOp** - Área de Operações

**BIPara** - Batalhão de Infantaria Paraquedista

**BOAT** - Batalhão Operacional Aeroterrestre

**BrigRR** - Brigada de Reação Rápida

**CAV** - *Commando Assault Vehicle*

**CCA** - Companhia de Comando e Apoio

**CCmds** - Companhias de Comandos

**CIMIC** - Coordenação Civil e Militar

**Cmdt** - Comandante

**CONOPS** - *Military Strategic Concept of Operations*

**CPJP** - Convention des patriots pour la justice et la paix

**CRP** - Constituição da República Portuguesa

**CSDN** - Conselho Superior de Defesa Nacional

**CSNU** - Conselho de Segurança das Nações Unidas

**CSPK** - *Convention patriotique pour le salut Wa Kodro*

**DDR** - Desarmamento, Desmobilização e Reintegração

**EM** - Estado-Maior

**END** - Elemento Nacional Destacado

**EOD** - *Explosive Ordnance Disposal*

**EUFOR RCA** -Força da União Europeia na República Centro Africana

**EUMAM RCA** - *European Union Military Advisory Mission* República Centro Africana

**EUTM RCA** - *European Union Training Mission* República Centro Africana

**FACA** - Forças Armadas Centro Africanas

**FC** - *Force Commander*

**FDPC** – *Democratic Front of the Central African People*

**FDPC** - *Front démocratique du peuple Centrafricain*

**FND** - Força Nacional Destacada

**FOEsp** - Forças de Operações Especiais

**FPR** - *Front populaire pour le redressement*

**FPRC** - *Popular Front for the Rebirth of Central African Republic*

**GrComb** - Grupos de Combate

**H** - Hipótese

**HMMWV** - *High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle*

**ISR** - *Intelligence, Surveillance and Reconnaissance*

**LRA** – *Lord’s Resistance Army*

**MDN** – Ministério da Defesa Nacional

**MINUSCA** - *United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic*

**MISCA** - Missão Internacional de Apoio à República Centro-Africana

**MLCJ** - *Movement of Central African Liberators for Justice*

**MNLC** - *National Movement for the Liberation of the Central African Republic*

**MOB** - *Main Operation Base*

**MPC** - *Patriotic Movement for the Central African Republic*

**NEP** - Norma de Execução Permanente

**OE** - Objetivo Específico

**OG** - Objetivo Geral

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**OTAN** - Organização do Tratado do Atlântico-Norte

**PDE** - Publicação Doutrinária do Exército

**PP** - Pergunta de Partida

**PRTQRF** - *Portuguese Quick Reaction Force*

**QO**- Quadro Orgânico

**QRF** - *Quick Reaction Force*

**RCA** - República Centro Africana

**RCFTIA** - Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

**RCmds** - Regimento de Comandos

**RI** - Regimento de Infantaria

**RJ** – *Revolution for Justice*

**RPRC** - *Patriotic Rally for the Renewal of Central African Republic*



**SAR** - Segurança da Área da Retaguarda

**SMSG** - Representante Especial do Secretário-Geral

**TACP** - *Tactical Air Control Party*

**TO** - Teatros de Operações

**UE** - União Europeia

**UEP** - Unidades Escalão Pelotão

**UFDR** - *Union des Forces Démocratiques pour le Rassemblement*

**UPC** - *Union for Peace in the Central African Republic*

## INTRODUÇÃO

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA) surge no âmbito do ciclo de estudos da Academia Militar (AM) do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria, sendo o seu propósito desenvolver capacidades de investigação académica. O presente trabalho está subordinado ao tema: “Emprego de Tropas Especiais em Forças Nacionais Destacadas – Estudo de Caso: Teatro de Operações da República Centro Africana”.

O Exército Português a fim de assegurar os compromissos Internacionais do Estado, tem vindo a ser empenhado, de forma expressiva, em missões militares em diferentes Teatros de Operações (TO). A presença dos militares portugueses em TO de elevada exigência, tais como o Afeganistão, Iraque, Kosovo e Timor-Leste, demonstrou a competência e capacidade operacional do Exército para cumprir com as exigências Internacionais e contribuiu para a credibilidade e afirmação de Portugal e das Forças Armadas. Muitos destes TO apresentam um grau de insegurança e instabilidade bastante elevado, exigindo dos militares e das Forças empregues um conjunto de capacidades indispensáveis para o cumprimento da sua missão.

As Forças Nacionais Destacadas (FND) para este tipo de TO têm assim de possuir capacidades para fazer face às exigências especiais e condições inerentes à missão. Desta forma, o Exército Português derivado das suas capacidades operacionais, tem optado por empenhar Tropas Especiais (TEsp) em diversos TO.

Recentemente os militares portugueses foram destacados para o TO da República Centro Africana (RCA), onde integraram uma operação de Manutenção da Paz denominada *United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic* (MINUSCA), com a missão de *Quick Reaction Force* (QRF).

A 1ª FND para este TO foi projetada no início de 2017, com uma força proveniente do Regimento de Comandos (RCmds). Desde então já estiveram presentes no TO mais três FND. A 2ª FND também constituída por militares, na sua maioria, do Regimento de Comandos (RCmds) e a 3ª e 4ª FND provenientes do Regimento de Infantaria (RI) nº15 e do RI nº10 constituídas maioritariamente por Paraquedistas. Todas as FND eram constituídas, ao nível da manobra, por militares pertencentes às TEsp Comandos ou Paraquedistas, porém, as mesmas incluíam militares de outras unidades do Exército. A 5ª

FND encontra-se no TO da RCA desde março de 2019 e é constituída na sua maioria por militares do RCmds.

A utilização de TEsp para TO, como o da RCA é bastante recorrente no panorama conflitual Internacional, e tal como o Exército Português muitos outros países optam por destacar esta tipologia de Forças, por forma a responder aos desafios impostos pelos TO.

A escolha deste tema derivou não só do interesse pessoal que incidia sobre esta temática, mas também da importância e relevância que o mesmo apresenta atualmente para o Exército. Assim, é essencial compreender em que situações o emprego de TEsp no contexto Internacional poderá ser uma mais valia, pois a utilização desta vertente de Forças é cada vez mais recorrente no contexto internacional. Para delimitar a investigação recorreu-se à análise do estudo de caso do TO da RCA e das FND para este teatro, pois o mesmo permite compreender e contextualizar o tema num panorama atual.

“A questão da delimitação do tema, apesar de frequentemente desvalorizada por investigadores menos experientes, é de grande relevância, pois, por um lado evita dispersão no estudo de um assunto e, por outro, exige um esforço no sentido da especificação clara do campo da pesquisa.” (Instituto de Estudos Superiores Militares [IESM], 2016, p.44). Assim a presente investigação encontra-se limitada ao período de janeiro de 2017 a setembro de 2018 e ao emprego de TEsp nomeadamente ao nível das unidades de manobra, focando-se na 1ª, 2ª e 3ª FND na RCA.

As FND para o TO da RCA nos períodos acima referidos, incorporaram vários militares não pertencentes a esta tipologia de Forças, sendo que os mesmos não serão alvo de estudo nesta investigação derivado de não se inserirem dentro da temática em análise.

A fim de enunciar o projeto de estudo elaborou-se a pergunta de partida (PP), “com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor.” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 46).

Assim a **PP** da presente investigação é a seguinte: **De que modo é que as TEsp podem ser empenhadas como FND?**

Para auxiliar a resposta à PP e delimitar a investigação, foram formuladas as seguintes perguntas derivadas (PD):

**PD<sub>1</sub>:** Como se caracteriza o TO da RCA?

**PD<sub>2</sub>:** As capacidades e estrutura das FND foram adequadas às exigências da missão e TO?

**PD<sub>3</sub>:** O empenhamento das TEsp do Exército Português no TO da RCA enquadrou-se com o seu conceito de emprego?

**PD<sub>4</sub>:** Quais foram as potencialidades e limitações identificadas nas FND para a RCA, de acordo com o seu emprego operacional?

**PD<sub>5</sub>:** Quais as missões mais adequadas para uma FND constituída por TEsp executarem?

Em conjunto com as perguntas foram elaborados os Objetivos da Investigação, respetivamente o Objetivo Geral (OG) e os Objetivo Específicos (OE). O OG deverá apresentar uma visão mais ampla e abrangente do tema e do seu conteúdo. Como tal o **OG** desta investigação é: **Identificar de que modo é que se pode potenciar o empenhamento das TEsp em missões Internacionais como FND.**

Para alcançar o OG deverão ser formulados um conjunto de OE que irão auxiliar a condução da investigação, “estes serão instrumentais para o conhecimento e para a avaliação do sucesso da investigação, isto é, se estes objetivos estiverem bem formulados e se no decurso do processo forem atingidos, estaremos na presença de uma investigação bem-sucedida”(IESM, 2016, p. 59). Assim, os OE identificados são:

**OE<sub>1</sub>:** Analisar o TO da RCA nas suas diferentes componentes, de forma a caracterizar o teatro em que as Forças foram empregues.

**OE<sub>2</sub>:** Identificar se as capacidades e estrutura das FND foram adequadas às exigências da missão e TO.

**OE<sub>3</sub>:** Identificar se o empenhamento das TEsp do Exército Português no TO da RCA, enquadrou-se com o seu conceito de emprego.

**OE<sub>4</sub>:** Identificar as potencialidades e limitações das FND empenhadas no TO da RCA.

**OE<sub>5</sub>:** Identificar o tipo de missões mais indicadas para uma FND constituída por TEsp.

A hipótese (H) é um elemento essencial no processo de investigação uma vez que delimitam o objeto de estudo e representam “a resposta temporária, provisória, que o investigador propõe perante uma interrogação formulada a partir de um problema de investigação” (IESM, 2016, p. 60). Assim, face as perguntas de investigação enunciadas propõem-se as seguintes hipóteses:

**H<sub>1</sub>:** O TO da RCA é caracterizado pela instabilidade, adversidade e risco, resultante da fragilidade do Estado, da presença de vários grupos armados, da forte e fraturante componente religiosa do país, das baixas condições de vida e das adversas condições meteorológicas e do terreno.

**H<sub>2</sub>:** O sucesso que as FND obtiveram ao longo das suas missões comprovam a adequabilidade das capacidades, estrutura e organização das Forças.

**H<sub>3</sub>:** As missões executadas pelas FND no TO da RCA, enquadraram-se no conceito de emprego das tropas Comandos e Paraquedistas.

**H<sub>4</sub>:** As potencialidades identificadas correspondem às capacidades das TEsp que constituíram as FND, enquanto as limitações provêm essencialmente de fatores de ordem logísticos, da interoperabilidade das Forças da MINUSCA e os condicionantes do TO.

**H<sub>5</sub>:** Uma FND constituída por TEsp deverá executar missões que permitam o máximo aproveitamento das capacidades de emprego da respetiva tipologia de Forças, nomeadamente em ações decisivas ou em ações que outras Forças não consigam executar.

Neste trabalho foram utilizadas as normas de elaboração da Academia Militar, respetivamente a Norma de Execução Permanente (NEP) número (n.º) 520/4ª (Academia Militar - Direção de Ensino, 2015), “Trabalho de Investigação Aplicado”, e nas NEP 522/1ª (Academia Militar - Direção de Ensino, 2016), “Normas para a Redação de Trabalhos de Investigação”. Para complementar estas NEP foram utilizadas as instruções presentes nas obras de Quivy & Campenhoud (2013), Sarmento (2013) e IESM (2016). As referências bibliográficas da presente investigação seguem as normas APA (2010) e na NEP 522/1ª.

O RCFTIA encontra-se dividido em duas partes, a Parte I - Enquadramento Teórico e a Parte II – Prática.

A Parte I apresenta um enquadramento teórico da investigação que se encontra dividido por capítulos com o intuito de enquadrar a temática em estudo. O 1.º Capítulo diz respeito ao Emprego de TEsp, onde é apresentada uma definição de TEsp e é analisado sumariamente o emprego destas tropas que pertenceram às FND para o TO da RCA. No 2.º Capítulo é feita uma análise do TO da RCA através da sua história, componentes geográficas, sociais e culturais e por fim as ameaças presentes. O 3.º e último Capítulo diz respeito as FND para o TO da RCA, sendo que neste capítulo é apresentado a definição de FND, é feito um enquadramento da MINUSCA e por fim é realizada uma análise das FND para a RCA.

A Parte II correspondente à parte prática e é constituída por três capítulos. No 4.º Capítulo é exposta a metodologia e procedimentos utilizados durante a elaboração do trabalho de investigação. No 5.º Capítulo são apresentados os resultados obtidos através das entrevistas e é realizada uma análise e discussão dos mesmos. No 6.º Capítulo e último serão apresentadas as conclusões e recomendações obtidas ao longo da investigação, nomeadamente a confirmação ou infirmação das hipóteses, a resposta às perguntas derivadas e pergunta de partida. Serão ainda apresentadas as reflexões finais, as limitações desta investigação e as propostas para investigações futuras.

# **PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **CAPÍTULO 1.**

### **EMPREGO DE TEsp**

#### **1.1. Conceptualização de TEsp**

Atualmente o conceito de TEsp tem perdido força em detrimento do conceito de Operações Especiais, que tem ganho enquadramento em várias publicações doutrinárias do Exército – PDE 3-09-00 Operações Não Convencionais e PDE 3-67-00 Operações Especiais –, no entanto, para efeitos desta investigação, e tendo em atenção que o trabalho se foca nas tropas Comandos e Paraquedistas empenhadas no TO da RCA, atualmente caracterizadas como Forças ligeiras na doutrina nacional, recorreu-se, para efeitos de diferenciação, a documentos formais onde está referido o conceito de TEsp.

Segundo o despacho de S. Ex<sup>a</sup> o General Chefe de Estado Maior do Exército, o termo TEsp está associado às Forças de Operações Especiais, às Forças Comandos, às Forças Paraquedistas e aos Percursos como parte integrante da última (Estado Maior do Exército [EME], 2007).

A Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-09-00 Operações Não Convencionais, faz a seguinte referência ao termo:

“No âmbito de actuação, missão e tarefas das unidades de tropas Especiais, aprovado por despacho de S.Ex<sup>a</sup> o GEN CEME de 28Out07, utiliza-se a terminologia “Tropas Especiais” para efectuar referências as tropas que são alimentadas por um processo de recrutamento e seleção específicos, são sujeitas a uma formação também específica, normalmente associada a uma grande exigência física e psicológica e a um treino também muito exigente e específico que permita a sua elevada prontidão e actuação em condições de elevada complexidade e risco ou associadas a missões de carácter especial ou que vão para além daquelas que normalmente são atribuídas às outras Forças” (Estado Maior do Exército [EME], 2010, p. 1-5).

No âmbito da presente Investigação serão abordadas apenas as TEsp que estiveram presentes no TO da RCA como FND, sendo neste caso as Forças Comandos e as Forças Paraquedistas.

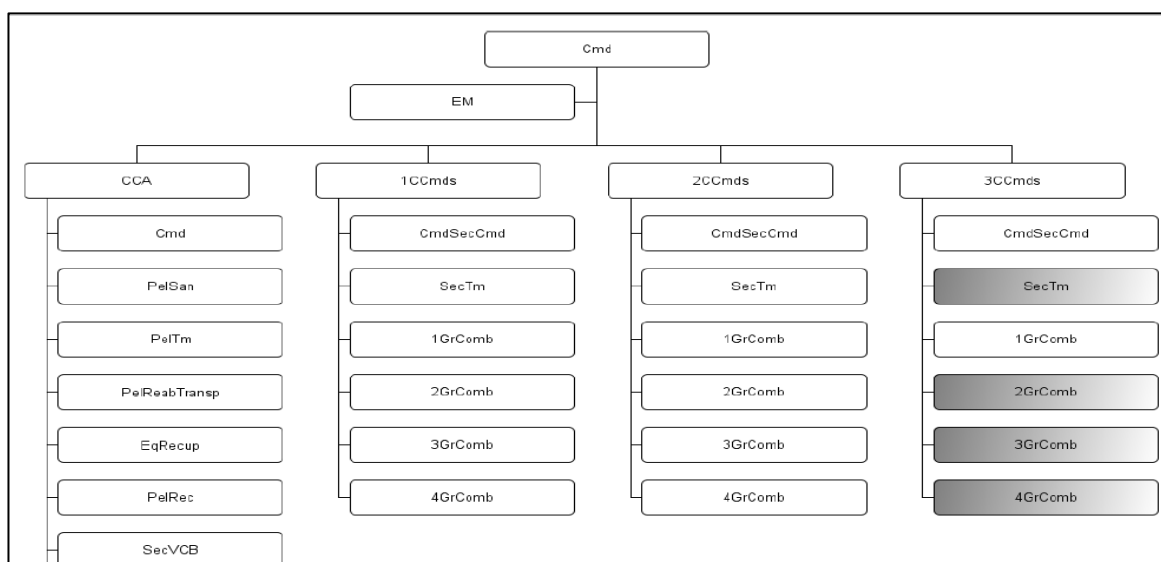
Embora as Forças de Operações Especiais (FOEsp) também estejam inseridas dentro da tipologia das TEsp, o seu emprego como FND por si só não é o mais adequado, sendo que estas Forças têm as capacidades de atuar em qualquer ambiente operacional porém atuam “normalmente em formações de pequeno efetivo, de forma isolada ou como complemento de outras Forças ou meios”(EME, 2007, p.2).

As Forças Comandos e as Forças Paraquedistas, embora diferentes, apresentam semelhanças ao nível do seu emprego operacional e capacidades, o que possibilita o seu emprego como FND nos mais variados TO.

## 1.2. Emprego de Forças Comandos

De acordo com o Quadro Orgânico atualmente em vigor o produto operacional dos Comandos é materializado no BCmds que se encontra integrado na Brigada de Reação Rápida (BrigRR), este insere-se dentro da Componente Operacional do Exército na capacidade Forças Ligeiras (Cancelinha, 2015).

Do Organigrama do BCmds representado na figura n.º 1, podemos verificar que este é constituído por três Companhias de Comandos (CCmds), uma Companhia de Comando e Apoio (CCA) e um Estado-Maior (EM), sendo que cada CCmds é constituída por sua vez por quatro Grupos de Combate (GrComb)<sup>1</sup> que materializam as sub-unidades de manobra.



<sup>1</sup> A 3ª CCmds apenas tem materializado o 1GrComb



**Figura n.º 1 - Organigrama BCmds**

**Fonte: (EME, 2017, p.3)**

Quanto à sua tipologia de Forças, os Comandos podem ser definidos como “Forças ligeiras vocacionadas para operações convencionais de natureza eminentemente ofensiva, com capacidade de projeção imediata, elevada capacidade técnica e tática, grande flexibilidade de emprego e elevado estado de prontidão, capitalizando a surpresa, velocidade e precisão de ataque, como fatores decisivos.” (EME, 2007, p.8).

Ao nível do seu emprego operacional os Comandos estão vocacionados para operar ao escalão Batalhão e Companhia “sendo este o escalão que mais exponencia as capacidades e organização destas Forças” (EME, 2007, p.11). O BCmds derivado das suas capacidades e organização encontra-se apto a operar em todo o espectro de missões e cenários. Num contexto de emprego em missões Internacionais, destacam-se as seguintes possibilidades identificadas no seu QO (EME, 2017, p. 4):

- Conduzir operações de combate, de natureza eminentemente ofensiva, de forma independente ou em apoio de outras Forças, em condições de elevado risco e exigência;
- Executar Operações Ofensivas em território controlado pelo inimigo, na sua profundidade, com prioridade para o ataque a unidades e instalações inimigas;
- Participar na defesa de pontos sensíveis, perante a ameaça a instalações críticas;
- Executar ações de nomadização (busca e ataque) em ambiente de contra insurreição;
- Constituir unidade de intervenção imediata em qualquer Teatro de Operações;
- Executar operações em ambientes específicos (áreas edificadas, floresta/selva, deserto, montanha, condições de visibilidade limitada, bem como calor e frio extremos);
- Executar Operações de Cerco e Busca (*cordon and search*).
- Executar ações rápidas, em combate de alta intensidade, com limitações no âmbito da proteção;
- Executar Operações Ofensivas, Defensivas, de Estabilização e tarefas de transição/complementares;

O BCmds possui ainda um conjunto de capacidades<sup>2</sup> orgânicas identificadas em QO,

---

<sup>2</sup> Tendo por referência os requisitos definidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (*NATO's Minimum Capability Requirements Parts II - Capability Codes and Capability Statements* - 26JAN16) (Estado-Maior do Exército, 2017, p. 4)

sendo que dentro delas se destacam as que se inserem no contexto da presente investigação (EME, 2017, p.11-12):

- Atuar em condições de extremo calor e frio em todo o tipo de terreno em condições austeras;

- Efetuar deslocamentos montados em veículos orgânicos blindados;

- Conduzir ações de combate próximo com armamento portátil;

- Conduzir operações em áreas urbanizadas;

- Transmitir e receber/identificar sinais de identificação de Forças amigas terrestres para evitar fratricídio;

- Atuar sem reabastecimento ou repletamentos por um período de até 3 a 5 dias;

Dentro das limitações deste tipo de Forças o QO do BCmds, identifica (EME, 2017, p.6):

- Limitada capacidade de defesa, nomeadamente perante uma ameaça blindada ou mecanizada em terreno adequado a este tipo de Forças;

- Capacidade limitada de defesa aérea;

- Capacidade limitada de repletamento de pessoal em curto espaço de tempo;

Os Comandos através do seu BCmds representam uma força “concebida e treinada para ser a unidade expedicionária de primeira intervenção do Exército, (...) capaz de conduzir e participar em todo o tipo de operações militares e intervir em qualquer teatro de operações, (...) em situações de elevado grau de risco e/ou grande capacidade de sacrifício” (Cancelinha, 2015, p. 33).

Desde a sua reativação em 2002, os Comandos já estiveram presentes em vários TO entre eles, no TO do Timor Leste em 2004 no âmbito da ONU, de 2005 até 2014 no TO do Afeganistão no âmbito da OTAN, onde as FND se depararam com um TO exigente e de elevado risco, e em 2015 no TO do Iraque no âmbito da coligação Internacional liderada pelos Estados Unidos da América (Galhano, 2016).

Desde o início de 2017 as Forças Comandos já enviaram duas FND para o TO da RCA, nomeadamente a 1ª e 2ª FND, que se constituíram também como força de primeira intervenção. Atualmente encontra-se no TO a 5ªFND constituída na sua maioria também por Forças Comandos.

### 1.3. Emprego de Forças Paraquedistas

As Forças Paraquedistas, ao contrário das Forças Comandos apresentam o seu produto operacional aquartelado em várias localizações, sendo o mesmo materializado pelo 1º e 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista (BIPara) e o pelo Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT), ambos inseridos na BrigRR.

Na presente investigação será apenas abordado o 1º BIPara, sediados em Tomar, pois foi esta Unidade que aprontou os militares Paraquedistas pertencentes à 3ª FND para o TO da RCA.

No organigrama do 1º BIPara<sup>3</sup>, representado na figura n.º 2, podemos identificar três unidades de manobra materializadas pelas Companhias Paraquedistas (CPara)<sup>4</sup>, uma CCA e um EM, sendo que cada CPara é constituída por 3 Pelotões Paraquedistas que representam a componente operacional das Companhias.

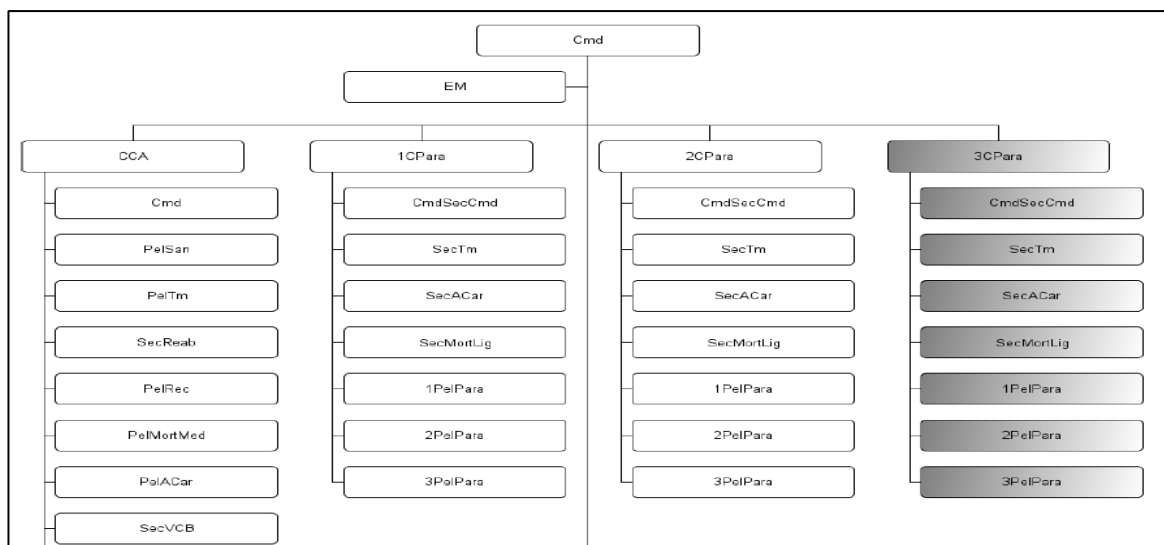


Figura n.º 2- Organigrama BIPara

Fonte: (EME, 2016, p.3)

<sup>3</sup> Idêntico ao organigrama do 2º BIPara.

<sup>4</sup> Apenas se encontram ativas a 1ª e 2ª CPara.

As Forças Paraquedistas podem ser definidas como “Forças de infantaria ligeira, vocacionadas para as operações convencionais, caracterizando-se pela concentração de potencial de combate, rapidez na acção e flexibilidade, dotadas de capacidades de inserção no Teatro de Operações através de salto para-quedas” (EME, 2007, p. 15).

As Forças Paraquedistas estão aptas a operar em escalão Batalhão ou Companhia sendo que “o escalão preferencial de emprego de Forças Paraquedistas é o escalão Batalhão, constituindo-se os Batalhões de Infantaria Paraquedista (BIPara) como a principal força de combate” (EME, 2007, p. 15).

Dentro das possibilidades de atuação das Forças Paraquedistas identificadas em QO realçam-se as que se inserem mais dentro do âmbito do emprego em missões Internacionais: (EME, 2016, p. 4-5):

- Conduzir ações apeadas e/ou montadas de alta agressividade, através da concentração de potencial contra Forças blindadas, mecanizadas ou apeadas com meios de fogos diretos e indiretos;
- Conquistar e manter a posse de terreno importante e pontos sensíveis e preparar posições defensivas para garantir a sua defesa, normalmente até à junção com outras Forças terrestres;
- Reforçar Forças cercadas ou apoiar a operação de rutura de cerco;
- Conduzir Golpes de Mão a Postos de Comando, Bases de Fogos, Linhas de Comunicações ou instalações Administrativa-logísticas;
- Conduzir ataques na retaguarda de posições inimigas ou impedir o empenhamento de reservas;
- Conduzir operações de resposta a crises (CRO);
- Constituir unidade de intervenção imediata em qualquer Teatro de Operações;
- Executar operações em ambientes específicos (áreas edificadas, floresta/selva, deserto, montanha, condições de visibilidade limitada, bem como calor e frio extremos);

Ainda no âmbito das missões Internacionais o 1BIPara possui um conjunto de capacidades<sup>5</sup> destacando-se entre elas (EME, 2016, p. 6):

- Comandar e controlar até cinco (5) subunidades de manobra;

---

<sup>5</sup> Tendo por referência os requisitos definidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (*NATO's Minimum Capability Requirements Parts II - Capability Codes and Capability Statements* - 26JAN16) (Estado-Maior do Exército, 2016)

- Executar operações ofensivas, defensivas, de estabilização e tarefas de transição/complementares;

- Executar tarefas independentes de escalão Pelotão;

- Executar operações conjuntas e combinadas, em condições de frio ou calor extremos;

- Atuar por um período de três (3) dias sem ser reabastecida;

O QO do 1BIPara identifica um conjunto de limitações que devem ser tidas em conta referindo-se entre outras (EME, 2016, p. 6):

- Reduzida proteção, apresentando grande vulnerabilidade aos fogos do inimigo;

- Limitada capacidade para conduzir operações por longos períodos, normalmente com duração entre 3 a 5 dias, sem apoio de serviços adicional;

- Capacidade limitada de reacomodamento de pessoal em curto espaço de tempo.

- Capacidade limitada de defesa aérea.

As Forças Paraquedistas apresentam um grande historial no que concerne ao seu emprego no contexto das missões Internacionais representando uma das Forças portuguesas como mais presenças nos mais variados TO. O seu emprego em missões Internacionais iniciou-se em 1996 na Bósnia e Herzegovina no âmbito da NATO e da EU com a participação numa operação de Apoio à de Paz. Foram mais tarde empenhados no ano de 2000 no TO do Timor Leste numa missão da ONU. De seguida foram empregues no TO do Kosovo integrando uma força da NATO em 2008. Em 2007 foram chamados para integrar uma força da NATO a *International Security Assistance Force* (ISAF) no exigente TO do Afeganistão (Estado-Maior-General das Forças Armadas [EMGFA], 2019c).

Atualmente as Forças Paraquedistas estiveram presentes no TO da RCA através da 3ªFND e 4ªFND constituídas respetivamente por militares do 1BIPara e 2BIPara que materializaram as unidades de manobra das Forças. O 2BIPara encontra-se de momento a aprontar a 6ªFND para o mesmo TO.

## CAPÍTULO 2.

### TEATRO DE OPERAÇÕES DA RCA

#### 2.1. Enquadramento Histórico

A RCA é um país sem litoral localizado no centro do continente africano cuja área está estabelecida há mais de 8000 anos. A região correspondente à atual República Centro Africana esteve sobre o domínio colonial francês desde o final do século XIX (Encyclopaedia Britannica, 2018).

A antiga colónia francesa de Ubangui-Shari tornou-se a República Centro-Africana após a independência em 1960, porém o acontecimento não resultou em grandes mudanças para o país (Lombard, 2016).

David Dacko do *Mouvement pour l'Evolution Sociale de l'Afrique Noire* (MESAN)<sup>6</sup> foi o primeiro presidente da República Centro Africana em agosto de 1960, que implementou desde logo um regime autoritário (Carayannis & Lombard, 2015).

David Dacko foi deposto em 1966 por Jean-Bédél Bokassa, que viria mais tarde a proclamar-se de Imperador do país. Em 1976 Bokassa chegou mesmo a mudar o nome do país para Império Centro Africano denominando-se de Imperador Bokassa I. O governo Francês viria posteriormente a auxiliar a deposição de Bokassa e a proclamação do antigo presidente David Dacko (Morrison, 2016).

Depois de anos e anos de desordem derivado dos vários governos militares, um governo democrático foi finalmente estabelecido em 1993, tendo Felix Patasse ficado encarregue de governar o país (Morrison, 2016).

O governo de Patasse viria a ser deposto em março de 2003 através de uma revolta liderada por Francois Bozize que contou com o auxílio de países vizinhos. Os problemas no governo de Bozize começaram a surgir quando em 2011 o governo decidiu boicotar as eleições para permanecer no poder. Esta ação por parte do governo levou a que o país entrasse num clima de instabilidade política e insegurança. (Morrison, 2016)

Em 2012 devido à incapacidade do Governo de Bozize de desenvolver o país e à

---

<sup>6</sup> MESAN foi o primeiro partido político da RCA fundado por Barthélemy Boganda.

corrupção que se vivia, criou-se a coalizão rebelde Seleka<sup>7</sup>, constituída na sua maioria por elementos muçulmanos do Nordeste do país, que elegeu Michel Djotodia como líder do movimento (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

O grupo Seléka viria a depor o presidente François Bozize no ano de 2013, ficando Michel Djotodia como novo líder do país. Quando Djotodia assumiu a presidência, o país vivia uma situação económica precária e com a falta de recursos para manter a aliança Seléka, a mesma acabou por se dissolver. Os membros da aliança agora dissolvida acabaram por permanecer na RCA. Como resultado de terem ficado com o seu armamento e face às condições em que viviam, começaram a saquear a população instaurando o medo e o caos (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

Para fazer frente à ameaça rebelde muçulmana, as comunidades cristãs criaram milícias denominadas de Anti-Balaka, incitando, assim, os conflitos entre as duas religiões no território. Os conflitos entre as duas comunidades conduziram o país ao descabimento, o que levou a que o Conselho de Segurança da ONU (CSNU), através da Resolução 2127<sup>8</sup>, de 5 dezembro de 2013 aprovasse a criação da Missão Internacional de Apoio na República Centro-Africana (MISCA), para restaurar a ordem no país (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

Esta missão foi implementada por um período de 12 meses e providenciou 4.500 militares. França iniciou a Operação *Sangaris*<sup>9</sup> como parte integrante da MISCA disponibilizando um total 1.600 militares em dezembro de 2013 (Hémez, 2017).

Devido aos conflitos sentidos no território, o Presidente Djotodia começou a ser fortemente pressionado pela comunidade Internacional para renunciar ao seu mandato. Surgiu assim, a necessidade de encontrar um líder que fosse capaz de governar de forma eficaz o país (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

Após a saída de Djotodia, Catherine Samba-Panza foi eleita Presidente interina da República Centro Africana por um Conselho Nacional de Transição, ficando responsável por restabelecer a ordem e paz no país. Com a tomada de posse de Samba-Panza o CSNU com o objetivo de reforçar as Forças da MISCA que contrariavam os conflitos violentos que

---

<sup>7</sup> Seleka quer dizer Aliança em Sango (Dukhan, 2016, p. 2)

<sup>8</sup> Disponível em: <http://unscr.com/en/resolutions/doc/2127>

<sup>9</sup> “O estado final almejado da Sangaris foi de ser capaz de entregar as operações (em uma condição aceitável) a uma força internacional, não criar uma paz duradoura” (Hémez, 2017, p. 7)

decorriam no país, autorizou o envio de uma força da União Europeia para a RCA a fim de evitar um genocídio (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

O CSNU viria a 10 de abril de 2014, a autorizar o estabelecimento de uma operação de paz multidimensional designada de MINUSCA através da Resolução 2149<sup>10</sup>. A MINUSCA teve resultados positivos nos meses consequentes à sua implementação, com uma diminuição da violência no território porém, os confrontos entre Anti-Balaka e Seléka continuaram a ocorrer e o processo de desmobilização e reabilitação mostrou-se ineficaz, tal como as tentativas de mediação entre as comunidades (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

Apesar dos variados esforços Nacionais e Internacionais realizados no âmbito da paz no país, os confrontos e violência no território da RCA mantiveram-se e o número de mortos e deslocados continuou a aumentar (Encyclopaedia Britannica, 2018).

A União Europeia viria a aprovar a projeção da Força da União Europeia na República Centro-Africana (EUFOR RCA) em fevereiro de 2014, que mais tarde a 19 de janeiro de 2015 seria substituída por uma missão de aconselhamento a *European Union Military Advisory Mission RCA* (EUMAM RCA), que seria a base da atual *European Union Training Mission RCA* (EUTM RCA) (EMGFA, 2019a).

A 13 dezembro de 2015 o governo da RCA conseguiu a aprovação de uma nova constituição. No mesmo período, a 30 de dezembro de 2015, foram realizadas eleições, contudo nenhum candidato conseguiu assegurar a maioria absoluta, resultando em novas eleições no início do ano de 2016 (Encyclopaedia Britannica, 2018).

As eleições resultaram na vitória de Faustin Archange Touadéra atual presidente da RCA (Central Intelligence Agency [CIA], 2019). A RCA através da transição para um governo democraticamente eleito demonstra um progresso significativo da parte do governo, porém a insegurança e os conflitos continuam a atormentar a RCA e a presença de Forças Internacionais ainda é uma constante (Encyclopaedia Britannica, 2018).

Atualmente existem várias Organizações Internacionais a atuar no país, entre elas a ONU que tem vindo a exercer um esforço acrescido através das Forças da MINUSCA e a União Europeia (EU) com a EUTM RCA com o objetivo geral de auxiliar as Forças Armadas

---

<sup>10</sup>Resolução 2149 do CSNU de 10 de abril de 2014 disponível em: <https://minusca.unmissions.org/sites/default/files/n1429581.pdf>



Centro Africanas (FACA), sendo que Portugal contribui com militares para ambas as missões.

## **2.2. Enquadramento Geográfico, Social e Cultural**

A RCA é um país localizado no Centro do Continente Africano. Faz fronteira com o Chade a Norte, com o Sudão e Sudão do Sul a Este, com a República Democrática do Congo e República do Congo a Sul e com os Camarões a Oeste<sup>11</sup>. A capital a cidade de Bangui situada no sudoeste do país é banhada pelo rio Ubangui (Encyclopaedia Britannica, 2018).

A RCA apresenta uma população aproximada de 5,8<sup>12</sup> milhões e um território de 622.984 km<sup>2</sup> com 5.920 km de fronteiras terrestres, contudo não contém território marítimo uma vez que não apresenta qualquer zona costeira. A maioria da sua população reside nas zonas ocidental e central do país maioritariamente na capital. A língua oficial é o Francês, sendo que Sango e algumas linguagens tribais ainda são bastante usadas pela população (CIA, 2019).

O clima é maioritariamente tropical apresentando duas estações, a seca e a chuvosa. A estação chuvosa decorre entre o período de março a novembro caracterizada por fortes chuvas quase diárias e nevoeiro matinal, as temperaturas médias rondam os 19 e 30 °C. A estação seca normalmente ocorre entre outubro e fevereiro ou por vezes até março sendo caracterizada pelo ar seco, céus limpos e temperatura médias que rondam os 18 e 40 °C resultando numa amplitude térmica ampla entre o dia e a noite (Encyclopaedia Britannica, 2018).

Quanto ao terreno na RCA este é de modo geral pouco acidentado com algumas colinas dispersas a nordeste e sudoeste, o ponto mais alto situa-se no Monte Ngaoui com 1.410 m e o ponto mais baixo no rio Ubangui com 335 m (CIA, 2019). A rede estradal é bastante escassa e em más condições sendo que, a maioria das estradas apenas ligam a capital às demais grandes cidades, dificultando o acesso a zonas urbana e somente 643 km são pavimentados. Na altura da estação chuvosa parte desta rede estradal fica intransitável restringindo o movimento de algumas viaturas (Divisão de Doutrina, Normalização e Lições Aprendidas [DDNLA], 2018).

---

<sup>11</sup> Ver Anexo A

<sup>12</sup> Estimativa de Julho 2018 (CIA, 2019)

Ao nível da Hidrografia os afluentes do rio Chari ocupam predominantemente a zona norte do país enquanto que o principal rio no território é o rio Ubangui um afluente do rio Congo que ocupa o sul do país formando a fronteira sul com a região do Congo (Encyclopaedia Britannica, 2018).

Relativamente as crenças religiosas a RCA está dividida por várias comunidades religiosas, sendo que 50% são cristãos (25% católicos romanos e 25% protestantes), 35% são animistas<sup>13</sup> e 15% são muçulmanos (CIA, 2019).

O território do país é bastante fértil e a abundância de recursos hídricos permite um aproveitamento substancial da agricultura. Como tal a agricultura representa a base da economia do país contribuindo para mais de metade do Produto Interno Bruto (PIB)<sup>14</sup>. RCA apresenta ainda uma grande riqueza ao nível de recursos minerais incluindo os diamantes, que garantem um forte contributo para a Economia do país através das exportações (Encyclopaedia Britannica, 2018).

RCA apresenta um índice de mortalidade bastante elevado tal como uma expectativa de vida baixa com o valor a rondar os 53,3 anos, muito derivado da elevada presença de doenças como a malária e a malnutrição, um sistema de saúde inadequado, um sistema de segurança alimentar precário e dos vários conflitos armados que decorrem até aos dias de hoje (CIA, 2019).

Apesar dos vários esforços Nacionais e Internacionais, a RCA continua a ser uma nação profundamente marcada pela violência no seu território incluindo em regiões consideradas relativamente estáveis, criando crescentes necessidades humanitárias. Atualmente uma em cada cinco pessoas está deslocada e 63 por cento da população apresenta uma elevada necessidade de assistência e proteção humanitária (United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs [OCHA], 2018).

A RCA é a terceira maior crise humanitária do mundo, precedida do Iêmen e da Síria, de acordo com a percentagem total de população que necessita de auxílio humanitário. Dos cerca de 2,9 milhões de habitantes que necessitam de ajuda mais de metade são crianças o que revela o estado precário em que o país se encontra e a necessidade de apoio externos para fazer face a esta situação que decorre no país (OCHA, 2018).

---

<sup>13</sup> Animismo é um termo referente a crença de povos tribais indígenas.

<sup>14</sup> PIB \$3.39 bilhões, estimativa do ano 2017. (CIA, 2019)

## 2.3. Ameaças no TO

A RCA encontra-se a viver uma crise que se perpetua desde 2013, apresentando-se como uma preocupação constante para a comunidade Internacional, que tem realizado múltiplos esforços para auxiliar o país (Conciliation Resources, 2016).

O golpe de estado de março de 2013, resultou na implementação de um governo maioritariamente muçulmano, num país maioritariamente cristão. Este acontecimento iria marcar o início de um período de grande instabilidade política e consequentemente uma guerra de carácter religioso entre dois movimentos rebeldes, os Ex-Seleka de maioria muçulmana e os Anti-Balaka de maioria cristã (Conciliation Resources, 2016).

O conflito entre Ex-Seleka e Anti-Balaka resultou na intensificação da presença de grupos armados no país, porém o conflito sofreu várias alterações ao longo do tempo. Atualmente os dois principais grupos armados dividiram-se em vários grupos armados independentes, que resultou num acréscimo de violência derivado da multiplicidade de ameaças agora existentes. As comunidades para se defenderem das atrocidades cometidas pelos grupos armados começaram a adquirir armamento dificultando ainda mais a resolução desta crise (Dukhan, 2016).

Assim constituem-se como as principais ameaças deste TO os grupos armados e fações que operam no país<sup>15</sup>, nomeadamente as fações Ex-Seleka e Anti-Balaka que controlam grandes faixas de territoriais. Estes grupos armados operam com base na violência e recusam-se a participar no processo de desarmamento, desmobilização, reintegração (DDR) resultando na degradação da segurança no país (DDNLA, 2018). As Forças que operam neste TO deverão se preparar para uma ameaça “irregular, imprevisível, de múltiplos atores e muito adaptado ao meio em que opera” (DDNLA, 2018, p. 8).

### 2.3.1. Grupos Armados Ex-Seleka

O movimento Seleka foi formado em 2012 quando vários grupos armados se juntaram para derrubar o governo de Bozizé, sendo que a coligação era constituída por cinco grupos armados: *Union des forces démocratiques pour le rassemblement* (UFDR), *Convention des patriots pour la justice et la paix* (CPJP), *Convention patriotique pour le*

---

<sup>15</sup> Ver Anexo B

*salut Wa Kodro* (CSPK), *Front démocratique du peuple Centrafricain* (FDPC) e *Front populaire pour le redressement* (FPR). Este movimento era constituído na sua maioria por crentes muçulmanos (Kah & Kam, 2014).

Os movimentos rebeldes Ex-Seleka surgiram da desintegração da coligação Seleka em setembro de 2013, pelo presidente Djotodia. Esta desintegração resultou no término da coligação Seleka e na criação de vários grupos armados rivais agora denominados de Ex-Seleka (Dukhan, 2016) .

As Forças Seleka que antes se encontravam predominantemente na zona oeste e na Capital, deslocaram-se para o norte e este do país, onde exerceram o seu controlo sobre a região e cometeram graves violações dos direitos humanos nomeadamente nas comunidades cristãs (Weyns, Hoex, Hilgert, & Spittaels, 2014).

Esta desintegração resultou no aparecimento de vários grupos armados como podemos verificar na Tabela n.º 1:

**Tabela n.º 1- Grupos Armados Ex-Seleka**

<b>Denominação</b>	<b>Líder</b>	<b>Localização</b>
<i>Popular Front for the Rebirth of Central African Republic (FPRC)</i>	Michel Djotodia	Parte Este da RCA
<i>Union for Peace in the Central African Republic (UPC)</i>	Ali Darassa	Parte Norte e Este da RCA
<i>Patriotic Rally for the Renewal of Central African Republic (RPRC)</i>	Zakaria Damane	Centro e Este da RCA
<i>Patriotic Movement for the Central African Republic (MPC)</i>	Mahamat al-Khatim	Centro da RCA
<i>National Movement for the Liberation of the Central African Republic (MNLK)</i>	Ahmat Bahar	Noroeste RCA
Grupos de Autodefesa	Não especificado	Bangui (PK5, 3º Distrito)
<i>Movement of Central African Liberators for Justice (MLCJ)</i>	Achafi Daoud Assabour	Nordeste e Centro da RCA
<i>Reformed Seleka</i>	Mohamed Moussa Dhaffane	Centro da RCA

**Fonte: Adaptado de Dukhan (2018)**

Estes grupos armados que antes pertenciam à mesma coligação encontram-se agora dispersos pelo país. Um fator caracterizador desta divisão é a disputa entre os grupos sobre os recursos naturais, que já resultou em vários confrontos entre as Forças. (International Crisis Group [ICG], 2015)

### **2.3.2. Grupos Armados Anti-Balaka**

Os movimentos rebeldes Anti-Balaka surgiram em 2013 com o propósito de defender e proteger os direitos das comunidades que estavam a ser ameaçadas pelas atrocidades cometidas por grupos Armados Seleka. As Forças Anti-Balaka eram constituídas maioritariamente por apoiantes provenientes de zonas rurais na sua maioria jovens adultos e adolescentes. (Morrison, 2016)

O termo Anti-Balaka ostenta dois significados, anti-balas AK<sup>16</sup> e anti-machete<sup>17</sup>, representando aqueles que pretendem contrariar a violência contra o seu grupo e familiares (Lombard, 2016, p. 42).

Aquando da sua formação, os grupos armados Anti-Balaka eram constituídos por membros cristãos, animistas e muçulmanos, sendo que muitos deles terão recebido apoios por parte do governo a fim apoiar a sua ação contra os grupos armados Ex-Seleka (Weyns, Hoex, Hilgert, & Spittaels, 2014).

A autodefesa terá motivado estes grupos armados a opor-se aos Ex-Seleka, contudo o ressentimento criado em relação aos muçulmanos resultou num escalar da violência por parte de alguns grupos. Esses grupos armados terão aproveitado a sua influência no país e o decréscimo do poder dos grupos Ex-Seleka, para iniciar os seus ataques e crimes contra a população muçulmana (Weyns, Hoex, Hilgert, & Spittaels, 2014).

Atualmente existem vários grupos armados Anti-Balaka a operar no país, principalmente no Sul e zonas circundantes da capital. Destes grupos armados destacam-se os seguintes: na tabela n.º 2:

---

<sup>16</sup> Os apoiantes do movimento Anti-Balaka acreditavam que os seus amuletos e artefactos os protegiam das balas das AK-47 daí o termo “anti balles AK-47” (Dukhan, 2016, p. 4)

<sup>17</sup> Balaka na língua Gbaya significa machete. (Lombard, 2016, p. 42)

**Tabela n.º 2 - Grupos Armados Anti-Balaka**

<b>Denominação</b>	<b>Líder</b>	<b>Localização</b>
<i>National Coordination of ex-antiBalaka</i>	Édouard-Patrice Ngaïssona	Bangui
Anti-Balaka	François Bozizé	Bangui
Movimentos locais Anti-Balaka	Não especificado	Sul da RCA

**Fonte: Adaptado de Dukhan (2018)**

### **2.3.3. Outros Grupos Armados**

Para além dos grupos anteriormente apresentados, existem ainda um conjunto de grupos armados não pertencentes aos Movimentos Ex-Seleka ou Anti-Balaka que operam ao longo do país, sendo que na tabela n.º 3 se encontram em identificados:

**Tabela n.º 3- Outros Grupos Armados**

<b>Denominação</b>	<b>Líder</b>	<b>Localização</b>
<i>Revolution for Justice (RJ)</i>	Armél Ningatouloum Sayo	Noroeste da RCA
<i>Lord's Resistance Army (LRA)</i>	Joseph Kony	Este da RCA
<i>Democratic Front of the Central African People (FDPC)</i>	Martin Koumtamadji	Oeste da RCA
<i>Return, Reclamation, Rehabilitation (3R)</i>	Sidiki Abass	Noroeste da RCA
<i>Siriri Movement</i>	Baoro Ndianigue	Sudoeste da RCA

**Fonte: Adaptado de Dukhan (2018)**

## CAPÍTULO 3.

### FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS PARA O TO RCA

#### 3.1. Conceptualização de FND

O ponto número 5, do artigo 275.º da Constituição da República Portuguesa (CRP)<sup>18</sup> consta que “Incumbe às Forças Armadas, nos termos da lei, satisfazer os compromissos internacionais do Estado Português no âmbito militar e participar em missões humanitárias e de paz assumidas pelas organizações internacionais de que Portugal faça parte” (Assembleia da República, 2005, p.85).

Como tal, Portugal através das suas Forças Armadas participou e participa em várias missões de apoio à paz sobre a égide de diversas organizações Internacionais entre elas a Organização do Tratado do Atlântico-Norte (OTAN), a União Europeia (UE), a ONU e também no âmbito das Missões Bilaterais e Multilaterais (EMGFA, 2019b).

Segundo o Conceito Estratégico Militar (CEM)<sup>19</sup> as Forças Armadas deverão edificar um modelo de organização que contenha um conjunto de Forças e meios sendo que como terceira prioridade surge:

“Um conjunto Modular de Forças - orientado para resposta a compromissos internacionais nos quadros da defesa coletiva e da segurança cooperativa (FND), constituídas ou a constituir, para emprego sustentado, por períodos de seis meses, para empenhamento até três operações simultâneas de pequena dimensão ou numa operação de grande dimensão” (Ministério Defesa Nacional [MDN], 2014, p.41).

A fim de assegurar os seus compromissos Internacionais, Portugal tem garantido a sua presença em diferentes TO através de FND e Elemento Nacional Destacado (END), sendo que o Exército tem sido fortemente empenhado no cumprimento dessas Missões. De acordo com Branco (2009), o Exército terá projetado a sua primeira FND em 1993 para Moçambique e desde então tem vindo a participar na maioria das missões de paz que Portugal tem assumido. Branco (2009) realça ainda que o Exército terá participado em

---

<sup>18</sup> Lei Constitucional n.º 1/2005, sétima revisão Constitucional da República Portuguesa.

<sup>19</sup> Aprovado pelo MDN em 22 de julho de 2014. Confirmado em CSDN de 30 de julho de 2014.

operações de paz em formatos que não o da FND, relacionados com participações no âmbito da observação militar e apoio a formação e instrução.

Os militares portugueses através da sua participação em operações de apoio à paz no estrangeiro “tem contribuído, de forma inequívoca, para a afirmação do nosso País no tabuleiro internacional.” e “a visibilidade internacional que Portugal adquiriu com a sua participação em missões de paz, capitalizou simpatias e proporcionou apoios que o ajudaram a ter projeção e prestígio internacional” (Sousa, 2011, p. 290)

Devido a este empenhamento operacional, o Exército Português só nos períodos de 1994 a 2014 terá empenhado mais de vinte e dois mil militares em doze TO diferentes entre eles: Afeganistão, Albânia, Angola, Iraque, ex-Jugoslávia, Kosovo, Líbano, Mali, Moçambique, Sahara Ocidental, Somália e Timor-Leste (Duarte, Reis, Rodrigues, & Nunes, 2015).

O emprego de FND é assim bastante recorrente no Exército Português, sendo que de acordo com Ramalho (2009) o termo representa:

“qualquer unidade militar ou de segurança devidamente organizada, equipada, treinada e enquadrada, à qual é atribuída uma missão adequada à sua natureza, fora do território nacional, por um período limitado de tempo (normalmente seis meses), no âmbito da satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal” (p. 66).

Ramalho (2009) destaca ainda as diferenças de FND e END, explicitando que os END

“representam os militares isolados ou em pequenos grupos não enquadrados nacionalmente, nomeados para o preenchimento de cargos internacionais específicos, normalmente em funções de Comando, Estado-maior, assessoria, monitorização ou outras, fora do território nacional, por um período limitado de tempo, no âmbito da satisfação dos compromissos internacionais assumidos pelo país” (p. 66).

### **3.2. MINUSCA - Intervenção de Portugal como FND**

A MINUSCA foi estabelecida inicialmente em abril de 2014, para substituir a MISCA, e contava com o apoio da Operação Sangaris levada a cabo pelas Forças Francesas e a EUFOR RCA resultando numa forte presença de Forças Internacionais no país (Carayannis & Fowlis, 2017). Esta missão é caracterizada como uma operação de Manutenção da Paz no âmbito da ONU, estabelecida no âmbito do Capítulo VII da Carta das Nações Unidas, com o intuito de restaurar a paz e estabilidade na RCA (MDN, 2016).



De acordo com a missão explanada no *Military Strategic Concept of Operations* (CONOPS), a componente militar da MINUSCA está encarregue de garantir a estabilização da situação de segurança na RCA, com o intuito de “criar um ambiente propício para a realização de um diálogo político inclusivo, reforçando na globalidade o processo político, incluindo o desenvolvimento das capacidades do Estado, por forma a este estender a sua autoridade e influência em todo o seu território” (MDN, 2016, p. 2).

A MINUSCA iniciou a sua missão a 15 de setembro de 2014 com as seguintes tarefas prioritárias (EMGFA, 2019d):

- Proteção dos civis;
- Apoio à implementação do processo de transição, incluindo os esforços a favor da extensão da autoridade estatal e da preservação da integridade territorial;
- Facilitar a prestação imediata, plena, segura e sem entraves de assistência humanitária;
- Proteção das Nações Unidas;
- Promoção e proteção dos direitos humanos;
- Apoio à justiça nacional e internacional e ao Estado de Direito;
- Desarmamento, Desmobilização, Reintegração e Repatriação.

A 24 de março de 2016 o Conselho Superior de Defesa Nacional (CSDN) aprovou a participação nacional na missão da ONU na RCA, através de uma unidade de manobra terrestre de escalão Companhia, enquadrado no apoio solicitado por França aos países da UE. Como tal o Exército assumiu a responsabilidade de aprontar, projetar, sustentar e retrainar as Forças nacionais a destacar para o TO da RCA para integrar na componente militar da MINUSCA sendo que as Forças a ser destacada deverão constituir-se como QRF (MDN, 2016).

A MINUSCA é chefiada pelo Representante Especial do Secretário-Geral (SRSG)<sup>20</sup> da ONU, sendo que a força Portuguesa que se encontra integrada na componente militar<sup>21</sup>, está sob o comando direto do *Force Commander* (FC)<sup>22</sup> inserindo-se nas Forças de reserva<sup>23</sup>, podendo ser empregue fora da sua *Main Operation Base* (MOB) em Bangui para qualquer

---

<sup>20</sup> Mankeur Ndiaye é o atual SRSG da MINUSCA que sucedeu Parfait Onanga-Anyanga que liderou a missão desde agosto de 2015 até fevereiro de 2019.

<sup>21</sup> A MINUSCA encontra-se dividida em duas componentes, respetivamente militar e civil.

<sup>22</sup> Tenente General Balla Keita é o FC da MINUSCA desde 11 de fevereiro de 2016.

<sup>23</sup> As Forças de Reserva podem ser incumbidas de diferentes tarefas tais como manter a iniciativa, explorar o sucesso e anular ações que ponham em causa a integridade das nossas forças. (Chychota & Kennedy, 2014)

área de Operações da MINUSCA<sup>24</sup>. Foi definido inicialmente que esta força tendo em conta a estrutura operacional estabelecida, poderá atingir um efetivo até 160 militares. (MDN, 2016)

### 3.2.1. PRTQRF

Face aos requisitos impostos a Portugal pela a ONU, o Exército Português já destacou cinco FND para a RCA para serem empregues como QRF<sup>25</sup>. Estas Forças ao nível da sua estrutura operacional<sup>26</sup> são compostas por uma Unidade de manobra de Escalão Companhia (UEC), constituída por três Unidades Escalão Pelotão (UEP)<sup>27</sup>, sendo esta componente alvo da presente investigação. O apoio logístico é garantido pelo Destacamento de Apoio, constituído por uma Equipa *Explosive Ordnance Disposal* (EOD), um Módulo Sanitário, um Módulo Comunicações, um Módulo de Reabastecimento e Serviços, um Módulo de Alimentação e um Módulo de Manutenção. As Forças têm ainda integradas um Comando e Estado-Maior e uma *Tactical Air Control Party* (TACP) da Força Aérea Portuguesa.

A *Portuguese Quick Reaction Force* (PRTQRF) tem como missão a seguinte: “executa as missões atribuídas pelo Comandante (Cmdt) Militar da MINUSCA em qualquer região da Área de Operações a partir da sua MOB, em BANGUI, a fim de contribuir para a estabilização da segurança e controlo do território da RCA por parte da Autoridade do Estado” (MDN , 2017).

Ao nível do seu emprego operacional as FND estavam enquadradas para desempenhar as seguintes tarefas primárias (Carvalho, 2018):

- Executar missões de combate;
- Executar patrulhas de segurança;
- Efetuar operações de vigilância e de recolha de informações;
- Efetuar reconhecimentos na Área de Operações (AOp);
- Proteger infraestruturas ou áreas sensíveis;

---

<sup>24</sup> Ver Apêndice A

<sup>25</sup> QRF constitui-se como uma força designada para responder a situações de emergência relacionadas com as forças que operam na área de operações, como tal estas forças devem ser dotadas de rápida mobilidade e capacidade de resposta afim de responder com eficácia a todos as situações que lhes forem impostas e evitar o sucesso da ameaça. (Chychota & Kennedy, 2014)

<sup>26</sup> Ver Apêndice B

<sup>27</sup> No caso das Forças Comandos estas Unidades são denominadas de GrComb.

- Proteger entidades ou outras Forças;
- Conduzir Operações de Cerco e Busca;
- Dirigir a ação de helicópteros de ataque;

Tarefas secundárias:

- Conduzir Operações de Extração ou Resgate, quando autorizado por Portugal;
- Conduzir atividades de Coordenação Civil e Militar (CIMIC);

As FND para este teatro já cumpriram mais de dois anos de missão, sendo que cada uma é empregue por um período de seis meses e de seguida rendida. Na seguinte tabela encontra-se detalhados os períodos em que cada FND esteve presente na RCA como QRF da MINUSCA, juntamente com a unidade que aprontou cada uma.

**Tabela n.º 4 - FND: Datas Empenhadas e Unidades Aprontadoras**

<b>FND</b>	<b>Período Destacada</b>	<b>Unidade Aprontadora</b>
1.ª FND	janeiro de 2017 – setembro de 2017	RCmds/BCmds
2.ª FND	setembro de 2017 – março de 2018	RCmds/BCmds
3.ª FND	março de 2018 – setembro 2018	RI 15/1º BIPARA
4.ª FND	setembro de 2018 - março de 2019	RI 10/2º BIPARA
5.ª FND	março de 2019 – setembro de 2019	RCmds/BCmds

**Fonte: Elaboração Própria**

Relativamente aos recursos materiais, de destacar que as FND em análise, para efeitos operacionais dispunham de duas tipologias de viaturas<sup>28</sup>: “as viaturas táticas ligeiras *Commando Assault Vehicle* (CAV) e as viaturas táticas pesadas *High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle* (HMMWV). Relativamente aos meios logísticos, os materiais utilizados foram as viaturas de transporte geral UNIMOG 1750 e os vários tipos de atrelados de apoio de serviços (Paulino, 2016).

<sup>28</sup> Na 4.ª FND foram introduzidas viaturas da tipologia PANDUR.

## **PARTE II – PRÁTICA**

### **CAPÍTULO 4.**

#### **METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS**

##### **4.1. Enquadramento**

Quivy & Campenhoudt (2013, p. 26) relativamente à metodologia e procedimentos referem que “um procedimento é uma forma de progredir em direcção a um objetivo. Expor o procedimento científico consiste, portanto, em descrever os princípios fundamentais a pôr em prática em qualquer trabalho de investigação.” Assim o procedimento é essencial para o processo de investigação sendo que os mesmos autores ainda referem que “os métodos não são mais do que formalizações particulares do procedimento, percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenómenos ou domínios estudados.” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 26). Neste capítulo encontram-se explanados os seguintes pontos: a descrição dos métodos de abordagem; as técnicas, procedimentos e meios de pesquisa; o local, data de pesquisa e recolha de dados; a amostragem e delimitação do universo e as técnicas de recolha e análise de dados.

##### **4.2. Método de Abordagem da Investigação**

O método científico de acordo com Sarmento (2013, p. 7) “é um conjunto de procedimentos e normas que permitem produzir conhecimento”. Segundo IESM (2016, p.20), “uma das características fundamentais do método científico é a sua replicabilidade, podendo esta conseguir-se através do desenvolvimento de diferentes estratégias.” Os raciocínios indutivo, dedutivo e hipotético-dedutivo surgem como variantes do método científico que podem ser utilizados para uma investigação.

Na presente investigação adotou-se o raciocínio hipotético-dedutivo desenvolvido

por Karl Popper<sup>29</sup> que combina os métodos indutivo e dedutivo “pois o investigador necessita tanto de ir dos dados para a teoria como da teoria aos dados.” (IESM, 2016, p.22). Neste método o autor começa por formular as questões que pretende estudar e que irão determinar o tipo de dados a observar. De seguida determina as hipóteses ou teorias da investigação para que depois possa verificar se as mesmas são verdadeiras ou falsas utilizando métodos dedutivos. (IESM, 2016)

Segundo Sarmiento (2013, p.9), o método hipotético-dedutivo representa um método “logicamente válido pois fundamenta-se na reunião de observações, factos e ideias, que validam as hipóteses” e “são tanto mais aperfeiçoadas quanto mais simples e quantitativas forem.”

Para auxiliar a investigação foi ainda utilizado os métodos inquisitivo que “é baseado no interrogatório escrito ou oral.” (Sarmiento, 2013, p. 8)

Todas as investigações deverão corresponder a um conjunto de critérios bases, entre os quais está o da presença de uma questão central devendo a investigação contribuir sempre para a relevância da mesma (IESM, 2016). A presente investigação pretende responder à PP seguinte: **De que modo é que as TEsp podem ser empenhadas como FND?**

A partir da PP são elaboradas as PD que pretendem orientar a investigação que estão explanadas na seguinte tabela n.º 5:

**Tabela n.º 5- Pergunta de Partida e Perguntas Derivadas da Investigação**

<b>PP</b>	<b>De que modo é que as TEsp podem ser empenhadas como FND?</b>
<b>PD<sub>1</sub>:</b>	Como se caracteriza o TO da RCA?
<b>PD<sub>2</sub>:</b>	As capacidades e estrutura das FND foram adequadas às exigências da missão e TO?
<b>PD<sub>3</sub>:</b>	O empenhamento das TEsp do Exército Português no TO da RCA enquadrou-se com o seu conceito de emprego?
<b>PD<sub>4</sub>:</b>	Quais foram as potencialidades e limitações identificadas nas FND para a RCA, de acordo com o seu emprego operacional?
<b>PD<sub>5</sub>:</b>	Quais as missões mais adequadas para uma FND constituída por TEsp executarem?

**Fonte: Elaboração Própria**

---

<sup>29</sup> Karl Popper foi um filósofo Austríaco bastante aclamado no séc. 20, que ficou mundialmente famoso pelas suas obras muitas das quais polémicas e estimulantes resultando na revelação de um dos pensadores mais inovadores da sua época.

Após se definir as perguntas da investigação deve-se proceder à revisão da literatura para definir o estado da arte e enunciar as hipóteses da investigação (Sarmiento, 2013), sendo que “a hipótese fornece à investigação um fio condutor particularmente eficaz” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 119).

As hipóteses identificadas para a presente investigação estão explanadas na seguinte tabela n.º 6:

**Tabela n.º 6 - Hipóteses da Investigação**

<b>H<sub>1</sub>:</b>	O TO da RCA é caracterizado pela instabilidade, adversidade e risco, resultante da fragilidade do Estado, da presença de vários grupos armados, da forte e fraturante componente religiosa do país, das baixas condições de vida e das adversas condições meteorológicas e do terreno.
<b>H<sub>2</sub>:</b>	O sucesso que as FND obtiveram ao longo das suas missões comprovam a adequabilidade das capacidades, estrutura e organização das Forças.
<b>H<sub>3</sub>:</b>	As missões executadas pelas FND no TO da RCA, enquadraram-se no conceito de emprego das tropas Comandos e Paraquedistas.
<b>H<sub>4</sub>:</b>	As potencialidades identificadas correspondem às capacidades das TEsp que constituem as FND, enquanto as limitações provêm essencialmente de fatores de ordem logísticos, da interoperabilidade das Forças da MINUSCA e condicionantes do TO.
<b>H<sub>5</sub>:</b>	Uma FND constituída por TEsp deverá executar missões que permitam o máximo aproveitamento das capacidades de emprego da respetiva tipologia de Forças, nomeadamente em ações decisivas ou em ações que outras Forças não consigam executar.

**Fonte: Elaboração Própria**

### **4.3. Técnicas, Procedimentos e Meios de Pesquisa**

Segundo IESM (2016), existe um conjunto variado de procedimentos técnicos que podem ser usados para pesquisa, recolha e análise de dados. Para esta investigação optou-se por um estudo de caso que “consiste num procedimento metodológico através do qual o

investigador procura recolher informação sobre um fenómeno particular inserido no seu contexto” (Saunders et al., 2009, como referido em IESM, 2016, p. 39)

Derivado da sua natureza empírica e descritiva o estudo de caso assume normalmente uma estratégia qualitativa tal como se verifica na presente investigação. Para esta tipologia de investigação as técnicas de recolha mais adequadas são a análise documental, a observação, a entrevista e o questionário (IESM, 2016), tendo-se optado para a presente investigação por não utilizar os questionários.

O estudo de caso que foi definido está subordinado às FND para o TO da RCA, mais concretamente as três FND que estiveram em missão entre os períodos de janeiro de 2017 a setembro de 2018.

#### **4.3.1. Entrevistas**

As entrevistas são um instrumento essencial na recolha de informação para esta investigação uma vez que “permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muitos ricos e matizados” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 192).

De acordo com o IESM (2016, p.101) “a entrevista é uma forma singular de interação social que tem como objetivo principal recolher dados para a investigação.” sendo que a informação proveniente desta técnica “resulta de diversos fatores circunstanciais, tais como, as características sociodemográficas do entrevistado, os objetivos da entrevista, o tipo de entrevista, a própria situação social da entrevista e o tema da entrevista.”

Para este trabalho optou-se por entrevistas individuais e semiestruturadas<sup>30</sup> recorrendo a um guião de entrevista<sup>31</sup> que apresenta um corpo de questões maioritariamente abertas e que vão de encontro aos objetivos levantados para a presente investigação. Os entrevistados pertencem à categoria de Oficiais do Exército Português e todos eles possuíram funções de comando relacionadas com as FND para o TO da RCA. Todos os entrevistados deram previamente o consentimento para a realização da entrevista<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> “Na entrevista semiestruturada, semiformal ou semidiretiva o entrevistado responde às perguntas do guião pela ordem que entender, podendo também falar sobre outros assuntos relacionados com as perguntas.” (Sarmiento, 2013, p. 34)

<sup>31</sup> Ver Apêndice C

<sup>32</sup> Ver Apêndice D

Após as entrevistas terem sido concluídas, foi efetuada uma análise de conteúdo<sup>33</sup> que permitiu a obtenção de informações relevantes para a investigação e respetivas conclusões.

#### **4.4. Data, Local da Pesquisa e Recolha de Dados**

Segundo Sarmiento (2013, p. 16) “os dados são valores discretos, que são registados, podem ser relacionáveis entre si e dizem respeito a uma entidade o evento” podendo os mesmos ser primários ou secundários consoante são pesquisados pelo investigador ou se já existiram e apenas foram recolhidos

Sarmiento (2013, p. 20) afirma ainda que a informação por sua vez “é o resultado do processamento, manipulação e organização de dados” existindo três tipos de informação: informação bibliográfica, informação primária e informação secundária.

A informação primária da presente investigação é constituída pelas entrevistas efetuadas no período de 24 de março a 19 de abril, no Regimento de Comandos, Escola das Armas e no Regimento de Infantaria nº15, tendo a maior parte sido realizada presencialmente.

A informação bibliográfica da presente Investigação foi obtida a partir da Biblioteca da Academia Militar e Biblioteca da Secretaria-Geral do Ministério da Defesa Nacional (MDN), complementada com alguns artigos científicos e literatura proveniente de plataformas eletrónicas como EBSCO<sup>34</sup>, Repositório Científico de Acesso Aberto<sup>35</sup> e Google Académico<sup>36</sup>. Foi ainda utilizado um conjunto de documentação militar relacionado com as FND no TO RCA que permitiu complementar a análise documental.

---

<sup>33</sup> “A análise de conteúdo consiste em efetuar a categorização dos dados brutos da entrevista, que passam a dados organizados e com sentido bem estabelecido” (Sarmiento, 2013, p. 53)

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.ebscohost.com/> (EBSCO).

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.rcaap.pt/> (Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal).

<sup>36</sup> Disponível em: <https://scholar.google.pt/>.



#### 4.5. Amostragem e Delimitação do Universo

Numa investigação a delimitação da população alvo<sup>37</sup> dentro do universo em estudo é crucial pois é impossível representar todo o universo em questão. A população alvo deverá apresentar um conjunto de características essenciais relacionadas com a temática em análise (IESM, 2016).

Derivado da extensão da população alvo é necessário constituir amostras que representem o máximo possível a população em análise. É então essencial a amostragem, que se constitui como um “processo através do qual se seleciona um conjunto de elementos de uma dada população que reúnem as características identificadoras desse grupo mais alargado que pode também designar-se “Universo”” (IESM, 2016, p. 66).

Na presente investigação a população alvo está delimitada aos oficiais do Exército Português que exerceram funções de comando relacionadas com as FND para o TO da RCA, durante o período já estipulado. A amostra deste trabalho de investigação inclui um conjunto de Oficiais Subalternos e Oficiais Superiores que se inseriram dentro da população acessível<sup>38</sup>.

#### 4.6. Ferramentas de Recolha e Análise de Dados

Com o objetivo de auxiliar a elaboração da presente investigação foram utilizados um conjunto de ferramentas de recolha e análise de dados.

Relativamente às entrevistas, antes das mesmas foi enviado o guião da entrevista ao entrevistado para auxiliar o decorrer da entrevista e enquadrar o mesmo na temática em estudo. Com a permissão do entrevistado foi gravada a entrevista para auxiliar a sua análise posterior.

O presente trabalho de investigação escrito, foi elaborado com o software processamento de texto Word proveniente do programa Microsoft Office 2016. As referências bibliográficas e citações foram elaboradas com o auxílio do programa *Mendeley*.

---

<sup>37</sup> População alvo representa “o conjunto de elementos que reúnem determinadas características comuns e que o investigador pretende estudar e a partir do qual deseja fazer generalizações” (Fortin., 2003, como referido em IESM, 2016, p. 65).

<sup>38</sup> População acessível representa “parte da população alvo que está ao alcance do investigador por uma qualquer razão ou limitação de ordem prática, geográfica ou outra” (Fortin., 2003 citado em IESM, 2016, p. 65).

## **CAPÍTULO 5.**

### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

#### **5.1. Enquadramento**

Neste capítulo é realizada a descrição dos entrevistados, a análise dos resultados obtidos através das entrevistas realizadas e a sua discussão, com o intuito de recolher dados cruciais para investigação. As entrevistas foram realizadas durante o período de 24 de março a 19 de abril, sendo as mesmas enquadradas por um guião de entrevista que continha as questões elaboradas, de acordo com os objetivos específicos da investigação. Após todas as entrevistas terem sido concluídas, foi realizada a sua análise e comparação a fim de obter os dados pretendidos.

#### **5.2. Identificação dos Entrevistados**

Foram realizadas um total de nove entrevistas, sendo que todos os militares entrevistados pertencem ao Exército e tiveram funções de comando relacionadas com as FND<sup>39</sup> para o TO da RCA. Desses militares, um desempenhou a função de Cmdt da Unidade Aprontadora da FND, três desempenharam funções de Cmdt da FND e os restantes de Cmdt de GrComb/Pelotão, sendo todos eles pertencentes a TEsp nomeadamente Forças Comandos ou Paraquedistas. A entrevista realizada ao Cmdt da Unidade Aprontadora da FND seguiu um guião de entrevista diferente, sendo omitidas algumas questões<sup>40</sup> relacionadas com a presença dos militares no TO e o seu emprego operacional, uma vez que não esteve presente na RCA.

A tabela n.º 7 contém a informação referente a todos os entrevistados, bem como a sua referenciação através de um número, a fim de auxiliar o decorrer da investigação:

---

<sup>39</sup> Especificamente com a 1.ª/2.ª/3.ª FND

<sup>40</sup> Foram Omitidas as Questões n. º1, n. º2, n. º3, n. º5, n. º6.

Tabela n.º 7 - Identificação dos Entrevistados

N.º	Informação do Entrevistado		FND	Unidade	Função
	Nome	Posto			
1	Musa Paulino	Tenente Coronel	1.ª FND	RCmds	Cmdt 1.ª FND
2	Ribeiro Ramos	Tenente	1.ª FND	RCmds	Cmdt GrComb
3	Alexandre Varino	Tenente Coronel	2.ª FND	RCmds	Cmdt 2.ª FND
4	Manuel Silveira	Tenente	2.ª FND	RCmds	Cmdt GrComb
5	Gralhós Loureiro	Tenente	2.ª FND	RCmds	Cmdt GrComb
6	João Bernardino	Tenente Coronel	3.ª FND	RI15	Cmdt 3.ª FND
7	Pereira Covelo	Tenente	3.ª FND	RI15	Cmdt Pel
8	Bruno Morgado	Tenente	3.ª FND	RI15	Cmdt Pel
9	Dores Moreira	Coronel	1.ª/2.ª FND	RCmds	Cmdt Unidade Aprontadora

Fonte: Elaboração Própria

### 5.3. Análise do Conteúdo das Entrevistas

Para auxiliar a análise do conteúdo das entrevistas, foram realizados quadros que apresentam uma síntese das respostas dos entrevistados<sup>41</sup>, sendo que a identificação dos entrevistados é realizada através da numeração concedida na identificação dos entrevistados<sup>42</sup>.

O guião de entrevista realizado contém um conjunto de dez questões, sendo que neste subcapítulo será realizada a análise das respostas às mesmas.

Quanto à **questão n.º 1: “Quais foram as principais dificuldades sentidas pela Força no TO da RCA, relativamente ao empenhamento operacional, tendo em atenção as ameaças, o terreno e as condições meteorológicas?”**, os entrevistados identificaram maioritariamente as mesmas dificuldades, sendo que no que concerne as ameaças, realçaram o facto de as informações sobre os grupos armados ser bastante reduzida, sendo que muitas delas eram incorretas e inoportunas. A presença de vários grupos armados no TO torna a ameaça dispersa e resulta numa multiplicidade de atores armados. Muitas dos membros dos grupos armados encontram-se inseridos na população o que torna a ameaça difusa e difícil

<sup>41</sup> Ver Apêndice E

<sup>42</sup> Ver Tabela n.º 6

de identificar. No que respeita ao terreno, o mau estado dos itinerários e a predominância de estradas de terra batida dificulta a velocidade de deslocamento da força e causa desgaste nas viaturas. Quanto às condições climáticas, as altas temperaturas e humidade do TO foram alguns aspetos apontados, porém estes foram de certa forma mitigados após um período de adaptação.

Relativamente à **questão n.º 2: “A estrutura e organização da Força foram adequadas às exigências impostas pelo TO às missões executadas?”**, os entrevistados consideraram que de um modo geral a estrutura e organização adequadas, porém apontaram algumas alterações que poderiam ser introduzidas. Identificaram que embora estivessem limitados a uma estrutura previamente definida, houve muitas alterações que foram introduzidas nas Forças, resultado de lacunas identificadas, nomeadamente por Forças precedentes. O entrevistado N.º 3 reitera esta ideia dizendo que “poderiam ter sido feitos alguns ajustes que auxiliariam a nossa atuação, sendo que muitas delas foram introduzidos nas Forças subsequentes”. A ausência da figura do Comandante de Companhia ao nível das unidades de manobra foi um dos aspetos mais apontados, pelos entrevistados da 3.ª FND, sendo que o entrevistado N.º 6 afirma que “o comandante da Força deverá ser Tenente-Coronel, mas deve ter um comandante de Companhia para a manobra”. O entrevistado N.º 4 afirma que deveria haver uma célula de informações que auxiliasse a força no processo de recolha de informações. O entrevistado N.º 5 considera ainda que poderia haver um reforço da parte da componente logística derivado das características do TO.

No que concerne à **questão n.º 3: “As capacidades da Força foram suficientes para as exigências impostas pelo TO e missões executadas? Justifique.”**, de um modo geral os entrevistados concordam que as capacidades foram suficientes sendo que o mesmo se verificou através do cumprimento de todas as missões de que lhes foram incumbidas. Embora as capacidades em certas ocasiões não fossem ideais, principalmente ao nível dos meios, as Forças conseguiram sempre cumprir com as missões. Foram identificados vários problemas relativos aos meios disponíveis, sendo que os mais destacados foram relativos aos meios aéreos da MINUSCA. O facto de determinadas viaturas não serem as mais adequadas, nomeadamente ao nível da sua blindagem e operabilidade, limitava a segurança da força. Alguns dos meios e equipamentos não eram os mais adequados e em alguns casos, como destacado pelos entrevistados da 3.ª FND, já não se encontravam nas melhores condições. Como tal o adquirento de meios, onde foram detetadas lacunas nas Forças,

poderia exponenciar o potencial de combate das mesmas. Relativamente às competências e treino da força pode-se identificar foram adequadas, do qual o entrevistado N.º 8 realça que “a principal capacidade da força penso que não residia nos meios, mas sim nas características da Força e no seu treino operacional”.

No que diz respeito à **questão n.º 4: “Que tipos de missões foram atribuídas à Força durante o seu emprego no TO da RCA?”**, os entrevistados salientaram várias missões das quais foram incumbidos, sendo muitas delas semelhantes. Como força de QRF da MINUSCA muitas das missões eram resultado da ativação da QRF. Foram executadas várias missões no conjunto total das Forças, entre elas os entrevistados destacaram: defesa de pontos sensíveis; demonstração de forcas; dirigir a ação de helicópteros de ataque; escoltas a altas entidades e outras Forças; operações CIMIC; operações de cerco e busca; operações de natureza ofensiva; operações de vigilância; operações para controlar e defender terreno e infraestruturas chave; operações para expulsar grupos armados de território; patrulhas de reconhecimento na AOp; patrulhas de segurança; proteção de civis, entidades e outra Forças; recolha de informações; reconhecimentos de itinerários, área e zona; resposta rápida a uma crise em curso. Alguns dos entrevistados destacaram as projeções para fora da MOB que efetuaram, pois, as mesmas culminaram em resultados decisivos e foram alvo de grande notoriedade.

Relativamente à **questão n.º 5: “A tipologia de Forças que constituiu as unidades de manobra da FND, foi a mais indicada para cumprir as missões que lhe foram atribuídas? Justifique.”** todos os entrevistados concordaram que tanto as Forças Comandos, como as Forças Paraquedistas eram as mais indicadas. Ao nível das Forças Comandos os entrevistados que estiveram presentes na 1.ª e 2.ª FND realçaram o facto de as Forças Comandos serem uma força de primeira intervenção e de abertura de teatro, sendo ideal o seu emprego neste TO. Tendo em conta as especificidades deste TO, as tarefas e a missão que as Forças desempenharam, os entrevistados concordam que estes fatores exigem um conjunto de competências específicas, sendo que, as características e capacidades das tropas Comandos vão de encontro com as mesmas. No caso dos entrevistados pertencentes as Forças Paraquedistas, os mesmos realçam as competências da força para atuar num TO exigente, tal como o da RCA. As capacidades da força ao nível do seu treino, disciplina, capacidade de reação, resiliência e intrepidez permitiram que a força cumprisse todas as

missões com bastante sucesso. O entrevistado N.º 8 acrescenta que as capacidades da força possivelmente poderiam ser exponenciadas se houvesse mais informação disponível.

Quanto à **questão n.º 6: “Que potencialidades e limitações foram identificadas no emprego operacional da força no TO da RCA?”**, os entrevistados identificaram várias potencialidades relativamente ao emprego da força, realçando, porém, as competências e experiência das Forças Comandos e Paraquedistas, ao nível do seu emprego e modo de atuar, derivado do seu treino operacional. O poder de fogo, a flexibilidade de emprego, o estado de prontidão e as competências técnico-profissionais dos militares, foram outras potencialidades evidenciadas que permitiram que as Forças fossem capazes de atuar decisivamente nas tarefas que executaram, constituindo-se como uma nítida vantagem para o FC da MINUSCA. O entrevistado N.º 5 refere o facto de a força Portuguesa “ser dos poucos contingentes a realizar as missões com seriedade, profissionalismo e imparcialidade, ou seja, o facto de as nossas Forças serem empregues vai dar mais garantias do sucesso da missão”. No que diz respeito as limitações os entrevistados apontam maioritariamente problemas relativos aos meios e apoios logísticos da força e da MINUSCA. As FND tinham uma autossustentação limitada quando projetados para fora da MOB. Havia falta de apoios aéreos para a força e uma incapacidade em executar evacuações médicas por via aérea. A tipologia de viaturas que constituam a força apresentavam limitações ao nível da sua blindagem e havia uma necessidade constante manutenção. Constatou-se ainda que algum material e equipamento já não se encontrava nas melhores condições - embora fosse bom nem sempre era o mais ideal. Havia ainda uma grande dificuldade em operar com as restantes forças da MINUSCA o que limitava as operações conjuntas.

Em referência à **questão n.º 7: “O facto de a força ser constituída por elementos pertencentes a TEsp influenciou o desempenho da força? Justifique.”**, todos os entrevistados responderam positivamente à questão. Os entrevistados identificaram que o treino e formação a que as TEsp são sujeitas permitiram que a força estivesse preparada para este tipo de missão e TO. Os entrevistados descrevem que as capacidades e especificidades que as TEsp apresentam, derivado do seu treino operacional nos respetivos Batalhões e dos cursos que concluíram, permite-lhes enfrentar todas as exigências impostas pelo TO da RCA. O facto de as TEsp serem Forças especialmente vocacionadas para o combate, auxiliou o sucesso da força em todas as missões que executaram. Havia uma diferença significativa comparativamente as TEsp Portuguesas e ao remanescente das Forças da MINUSCA, ao

nível da forma de atuar e de estar sendo que o entrevistado N.º 4 acrescenta que “a nossa forma de atuar e estar era única no TO”. O entrevistado N.º 6 realça ainda o espírito da força onde “o grande trunfo foi a franca camaradagem, espírito de corpo e de interajuda que existiu entre todos os elementos”.

No que respeita à **questão n.º 8: “O emprego de FND constituídas por TEsp (ao nível da manobra) foi o mais adequado para este TO?”**, todos os entrevistados concordaram com a questão tendo em conta a missão que a força estava a desempenhar – de QRF – no TO da RCA. De acordo com a missão atribuída a Portugal, de se constituir como QRF na dependência direta do FC da MINUSCA e as características do TO da RCA, os entrevistados concordam que existe uma necessidade de empregar TEsp nomeadamente ao nível das unidades de manobra. As TEsp constituem-se como as forças mais capazes de cumprir com as missões de elevada exigência que têm sido executadas na RCA, sendo que tal tem sido constatado, através do elevado sucesso das FND. Os entrevistados apontam ainda que caso o tipo de missão neste TO fosse diferente, respetivamente mais setorial ou estático, poderia ser eventualmente empregue uma força sem ser constituída por TEsp. Contudo, de acordo com a situação atual do TO da RCA e a missão que a força Portuguesa tem cumprido, todos os entrevistados concordam que é mais adequado empregar TEsp, pelo menos enquanto a situação não se alterar.

Relativamente à **questão n.º 9: “Quais considera ser a principais vantagens e desvantagens de empregar FND constituídas por TEsp (Comandos e Paraquedistas)?”** os entrevistados enunciaram como principais vantagens a preparação, a formação e o treino orientado para o combate, que permite que a força seja capaz de atuar em TO de elevada intensidade e alto risco, tal como o da RCA garantido o sucesso da missão. As características únicas deste tipo de Forças ao nível da sua flexibilidade de emprego, espírito de corpo, preparação geral, intrepidez, disciplina e experiência de combate foram outros motivos levantados pelos entrevistados. Assim os entrevistados identificaram que de modo geral que as capacidades que estas Forças ao nível do seu emprego operacional constituem-se como a sua principal vantagem. Dentro das desvantagens apenas dois entrevistados identificaram desvantagens sendo que o entrevistado N.º 1 referiu que “face ao número reduzido de efetivos pertencentes às TEsp, o empenhamento neste tipo de TO pode exaurir a capacidade de empenhamento das mesmas.” e o entrevistado N.º 2 identifica “o facto de uma unidade de TEsp não ser capaz de realizar a manutenção da permanência de um TO”.

Por último na **questão n.º 10: “Quais considera ser as missões mais indicadas para uma FND constituída por TEsp (Comandos e Paraquedistas) desempenhar?”** os entrevistados apresentaram um conjunto de missões/tarefas das quais consideraram ser as mais indicadas. Na sua maioria os entrevistados identificam que a missão que foi designada a Portugal no âmbito da MINUSCA, de se constituir como QRF, é a mais adequada. Este tipo de Forças deverá ser empregue em missões decisivas onde as suas capacidades previamente identificadas, nomeadamente em QO, possam fazer a diferença. A tipologia de missões que as Forças executaram no TO da RCA vai de acordo com o emprego desejado para este tipo de Forças. O seu emprego em missões sectoriais onde é atribuída uma AOp à força não é o mais adequado, sendo que as mesmas poderão ser atribuídas a Forças infantaria regular ou tropas regulares eventualmente. O entrevistado N.º 1 destaca um conjunto de tarefas que considera indicadas, sendo essas “operações para controlar e defender terreno e infraestruturas chave; operações de cerco e busca; e reconhecimentos de longo raio de ação e especiais.” O entrevistado N.º 9 acrescenta ainda que “se no seu emprego em missões for perspectivado a projeção durante vários dias para fora do raio de ação das bases, Forças constituídas por TEsp são as mais indicadas”.

#### **5.4. Discussão dos Resultados das Entrevistas**

Os resultados obtidos pela análise das entrevistas permitiram obter conclusões cruciais para o desenvolvimento da investigação.

Tendo em conta o TO da RCA pode verificar-se que as ameaças que operam neste território são caracterizadas pela multiplicidade e imprevisibilidade, o que se constitui como uma das componentes mais complexas com as quais as FND tiveram de lidar. Associado a esse facto, a fraca rede estradal e as difíceis condições meteorológicas revelaram um TO bastante hostil e penoso.

A estrutura e organização das FND foram em todos os momentos adequadas, contudo foram identificadas mudanças que poderiam ter sido introduzidas e que iriam auxiliar o emprego das FND nomeadamente das unidades de manobra. O mesmo se verificou nas capacidades operacionais das FND, sendo que no que concerne ao seu treino e competências estas apresentaram níveis bastante elevados, o que exponenciou as capacidades das Forças quando empregues. Por outro lado, os meios disponíveis das forças, apresentaram algumas



limitações sendo este um dos aspetos mais realçado no que diz respeito às limitações do emprego operacional das FND.

Os diversos tipos de missões que as várias FND executaram demonstram as variadas capacidades de emprego que eram exigidas às FND. Para cumprir com estes requisitos de emprego é crucial que as Forças que constituem as unidades de manobra sejam dotadas de capacidades específicas. Foi identificado que as potencialidades e capacidades de emprego das Forças Comandos e Paraquedistas se inserem perfeitamente dentro destes requisitos. A capacidade que as Forças Comandos apresentam, de se constituírem como força de abertura de teatro, representa um dos principais motivos que fazem desta tipologia de força como ideal para ser empregue numa fase inicial, sendo rendida posteriormente pelas Forças Paraquedistas.

No que concerne às potencialidades do emprego operacional das FND, podemos mais uma vez, verificar que as competências e capacidades das Forças Comandos e Paraquedistas foram cruciais e constituíram-se como verdadeiros potenciadores do sucesso das missões das FND. Dentro das limitações, para além daquela já apresentada, podemos acrescentar alguns problemas logísticos com que as FND se depararam ao longo das missões.

Tendo em conta todos os fatores anteriormente apresentados é possível evidenciar que o emprego de FND constituídas por TEsp, ao nível das unidades de manobra é mais do que adequado para o TO da RCA, para a missão de QRF e para as tarefas que foram desempenhadas.

As principais vantagens, identificadas, de empregar FND constituída por TEsp que foram identificadas estão ligadas à preparação proveniente da formação e treino operacional, característico deste tipo de Forças. Este fator permitiu que as mesmas estivessem preparadas para operar em condições difíceis, de elevada exigência, risco e em tarefas críticas. Quanto às desvantagens, podemos identificar o facto de uma só unidade de TEsp não conseguir realizar a permanência num TO, derivado do número reduzido de efetivos.

A missão que as FND desempenharam, como QRF, foi reconhecida como indicada, tal como o tipo de missões em que as Forças foram empenhadas, com exceção das missões setoriais ou tarefas de quadrilha. Este tipo de FND deverão ser empregues de acordo com as suas capacidades podendo ser empregues para qualquer tipo de TO, onde sejam necessárias Forças Ligeiras capazes de reagir de forma rápida e decisiva.

## CAPÍTULO 6.

### CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

#### 6.1. Enquadramento

O sexto e último capítulo desta investigação descreve as conclusões obtidas ao longo da investigação, sendo que é neste capítulo que serão confirmadas ou infirmadas as hipóteses da investigação e serão respondidas as perguntas formuladas. Após isso são apresentadas as reflexões finais, as limitações que foram encontradas ao longo da investigação e algumas propostas de investigações futuras que se enquadram dentro da temática.

#### 6.2. Verificação das Hipóteses

Face às perguntas derivadas, foram formuladas numa fase inicial da investigação, um conjunto de hipóteses<sup>43</sup> que serão agora confirmadas ou refutadas com base na informação recolhida ao longo da investigação.

Relativamente à **H<sub>1</sub>**: **“O TO da RCA é caracterizado pela instabilidade, adversidade e risco, resultante da fragilidade do Estado, da presença de vários grupos armados, da forte e fraturante componente religiosa do país, das baixas condições de vida e das adversas condições meteorológicas e do terreno.”**, esta foi verificada através da análise documental e dos resultados das entrevistas. A RCA é um país marcado pela violência e pelos sucessivos conflitos políticos e religiosos. Estes conflitos resultaram na proliferação de grupos armados pelo país e numa crise humanitária sem precedentes. Os vários apoios por parte da comunidade Internacional, materializam a fragilidade e incapacidade do estado de resolver a situação do país. Os diversos grupos armados que operam no TO da RCA, que se reúnem principalmente por afinidades religiosas e interesses políticos constituem-se como as principais ameaças e fontes de conflito do país. Estes grupos armados constituem um risco constante à segurança e paz no país, contribuindo para a instabilidade do TO. Os grupos armados representam o maior risco e adversidade deste TO

---

<sup>43</sup> Ver Tabela n.º5

porem outros fatores tais como a rede estradal ser maioritariamente composta por estradas de terra batida, que de modo geral se apresentam em mau estado e as condições meteorológicas serem bastante ásperas, nomeadamente, o elevado calor e humidade, retratam a dificuldade de atuar neste TO.

No que respeita à **H<sub>2</sub>**: **“O sucesso que as FND obtiveram ao longo das suas missões comprovam a adequabilidade das capacidades, estrutura e organização das Forças.”**, a mesma foi parcialmente verificada através da análise dos resultados das entrevistas. A estrutura e organização das Forças, que de certo modo eram delineadas previamente, embora tivessem sido suficientes nem sempre eram as mais adequadas e ainda que tenham sido resolvidas algumas lacunas identificadas, nomeadamente nas Forças subsequentes, nem todas foram solucionadas. Especificamente poderia ser introduzida um Cmdt de Companhia para comandar as unidades de manobra, poderiam ser introduzidos mais elementos para a recolha de informações e reforços a nível logístico. Quanto às capacidades realça-se que de um modo geral foram suficientes, pois todas as operações foram executadas com sucesso, porém existem fatores que condicionaram essas capacidades nomeadamente as limitações dos meios aéreos da MINUSCA, a falta blindagem e necessidade de manutenção de algumas viaturas e a falta e desgaste de determinados equipamentos. Contudo as Forças conseguiram sempre cumprir as suas missões com os meios que tinham disponíveis. Foi possível ainda constatar que as capacidades específicas e o treino operacional das Forças Comandos e Paraquedistas foram cruciais para o cumprimento das missões incumbidas às respetivas Forças.

Quanto à **H<sub>3</sub>**: **“As missões executadas pelas FND no TO da RCA, enquadraram-se no conceito de emprego das tropas Comandos e Paraquedistas.”** esta foi verificada através da comparação do emprego concetual das Forças Comandos e Forças Paraquedistas e o emprego efetivo em tarefas no TO da RCA apresentado. Da análise concetual do emprego das Forças Comandos podemos verificar que estas forças apresentam dentro das suas possibilidades e capacidades todos os requisitos necessários para atuar neste TO e cumprir com todas as tarefas que lhe foram atribuídas. A sua capacidade de se constituir como unidade de intervenção imediata em qualquer TO e o facto de serem uma força de primeira intervenção, fazem desta força a mais adequada para ser empregue inicialmente para a abertura do TO da RCA. No caso das Forças Paraquedistas da análise do seu emprego é possível concluir que estas Forças também apresentam todas as capacidades e possibilidades

para atuar neste TO e cumprir com todas as tarefas que lhes foram incumbidas. Tal como os Comandos as Forças Paraquedistas também estão aptas para se constituírem como unidade de intervenção imediata em qualquer TO, porém derivado da vocação para abertura de Teatros das Forças Comandos, como tem acontecido praticamente desde a sua reativação em 2002, estas Forças foram empregues numa fase posterior, contudo o seu emprego operacional foi bastante idêntico ao das Forças Comandos. Foi possível então concluir que face às exigências do TO e das missões executadas as TEsp que estiveram presentes nas FND constituem-se como as forças mais adequadas para serem empregues, particularmente ao nível das unidades de manobra. Contudo se a missão a ser desempenhada ou a situação do TO da RCA se alterar, poderão eventualmente ser empregues tipologias de forças diferentes das TEsp.

No que concerne à **H4: “As potencialidades identificadas correspondem às capacidades das TEsp que constituíram as FND, enquanto as limitações provêm essencialmente de fatores de ordem logísticos, da interoperabilidade das Forças da MINUSCA e os condicionantes do TO.”**, foi verificada através da análise dos resultados das entrevistas. As potencialidades maioritariamente identificadas foram as competências e experiência das duas tipologias de TEsp que estiveram presentes nas FND para a RCA, no que concerne ao seu emprego operacional. Sendo de destacar a flexibilidade de emprego, disciplina, o estado de prontidão, o poder de fogo, as competências técnico profissionais e treino destas Forças. Como limitações foram identificados maioritariamente problemas relativos aos apoios logísticos. Uma das limitações mais identificada foi a da falta de meios aéreos para apoiar as Forças. A interoperabilidade entre as Forças da MINUSCA é bastante limitada derivado das diferenças significativas no modo de atuar e procedimentos entre as mesmas. Foi também identificado que alguns dos meios não foram os mais adequados para as missões executadas e parte desses meios derivado do seu excesso de uso e demais condicionantes, já não se encontravam nas condições ideais, mas tais fatores nunca impossibilitaram o cumprimento de todas as tarefas que foram atribuídas à Força.

Por último no que diz respeito à **H5: “Uma FND constituída por TEsp deverá executar missões que permitam o máximo aproveitamento das capacidades de emprego da respetiva tipologia de Forças, nomeadamente em ações decisivas ou em ações que outras Forças não consigam executar.”**, a mesma foi verificada através da análise dos resultados das entrevistas. Uma FND constituída por TEsp deverá executar missões onde as

capacidades da tipologia de Forças constituinte sejam aproveitadas e possam fazer a diferença. Foi possível concluir que o emprego ideal das TEsp presentes nas FND para a RCA, deverá ser direcionado para tarefas decisivas ou outro tipo de tarefas que apenas estas forças sejam capazes de executar. O seu emprego em tarefas setoriais ou de quadricula representam tarefas que não se consideram ser as mais adequadas, pois não aproveitam o potencial desta tipologia de Forças. O seu emprego no TO da RCA como QRF é considerado adequado sendo que a maioria das tarefas em que as Forças foram empregues vai de acordo com as capacidades e emprego desejado, ou seja, empenhamento em períodos curtos mais intensos e decisivos para a globalidade da MINUSCA

### **6.3. Respostas às Perguntas Derivadas**

Após ser realizado a verificação das hipóteses prosseguimos com as respostas às perguntas derivadas da investigação.

Quanto à **PD<sub>1</sub>: “Como se caracteriza o TO da RCA?”**, verifica-se que o TO da RCA apresenta um clima de grande instabilidade e risco, resultante principalmente da influência dos grupos armados presentes e das fragilidades do país nomeadamente ao nível das condições humanitárias e de segurança. Para além disso o TO apresenta condições bastante adversas, no que concerne à transitabilidade e condições meteorológicas. As ameaças deste TO representam uma das principais preocupações, nomeadamente o variado tipo de ameaças provenientes dos múltiplos grupos armados que se encontram dispersos pelo país, que se reúnem segundo afinidades religiosas. Os membros destes grupos armados tendem a misturar-se na população, o que dificulta a sua identificação clara. A falta de informação sobre as ameaças no terreno faz com que as Forças tenham que lidar com uma ameaça irregular que muitas vezes atua de forma imprevisível. O terreno é bastante inóspito sendo de realçar a má qualidade estradal que na sua maioria é de terra batida o que dificulta os movimentos de Forças e a velocidade de deslocamento. O clima tropical da RCA é bastante diferente do de Portugal nomeadamente, as elevadas temperaturas sentidas e a constante humidade, o que exige que haja uma preparação para as mesmas e seja feita uma adaptação por parte dos militares.

No que diz respeito à **PD<sub>2</sub>: “As capacidades e estrutura das FND foram adequadas às exigências da missão e TO?”**, conclui-se que as mesmas eram adequadas às

exigências necessários, sendo que o mesmo se verifica pelo sucesso de todas as missões que foram executadas. A estrutura e organização das FND foram em todos os casos adequadas para as missões executadas, contudo nem sempre foram as ideais para as necessidades da força. Foram identificadas várias alterações que poderiam ser introduzidas na estrutura e organização das FND, sendo que muitas delas foram introduzidas nas Forças subsequentes, porém todas as Forças identificaram aspetos que poderiam ser alterados, especificamente a introdução da figura do Cmdt de Companhia das unidades de manobra, a introdução de membros dedicados para a recolha de informações particularmente relativas às ameaças e ainda um reforço ao nível dos apoios logísticos. Relativamente às capacidades da força, os mesmos também foram suficientes, porém foram identificados vários problemas relativamente aos meios que as forças tinham disponíveis. Dessas limitações destaca-se a falta de meios aéreos da MINUSCA a apoiar as Forças, a falta de blindagem adequada e necessidades de manutenção de algumas viaturas, a falta de determinados equipamentos mais sofisticados e desgaste que alguns equipamentos e materiais apresentavam, resultante do seu uso pelas Forças precedentes. Estes problemas relativos aos meios constituíram-se como umas principais limitações da força no que diz respeito às suas capacidades. O treino e técnica da força foram porém suficientes em todos os casos o que demonstra as elevadas capacidades desta tipologia de Forças nestes dois parâmetros.

Relativamente à **PD<sub>3</sub>: “O empenhamento das TEsp do Exército Português no TO da RCA enquadrou-se com o seu conceito de emprego?”**, podemos concluir que relativamente as Forças Comandos o seu conceito de emprego engloba todas as capacidades para estas serem empenhadas no TO da RCA e cumprir com todas as tarefas que foram realizadas, nomeadamente de se constituírem como força de primeira intervenção e abertura do TO. A partir da análise do conceito de emprego das Forças Paraquedistas é possível concluir que, tal como as Forças Comandos, esta tipologia de Forças também apresenta as capacidades para serem empregues neste TO, e embora o seu emprego não tenha passado pela abertura do TO, as tarefas que executaram foram bastante semelhantes. Podemos então concluir que o emprego concetual das Forças Comandos e Forças Paraquedistas se enquadra dentro da tipologia de tarefas e missão que as FND para a RCA executaram.

No que concerne à **PD<sub>4</sub>: “Quais foram as potencialidades e limitações identificadas nas FND para a RCA, de acordo com o seu emprego operacional?”**, pode-se identificar como principais potencialidades das FND as capacidades de emprego

operacional e características das respetivas tipologias de Forças que constituíram as unidades de manobra. Dentro das capacidades das Forças Comandos as que foram mais evidenciadas foram: agir de forma rápida e eficaz, flexibilidade de emprego, poder de fogo, disciplina, treino operacional, seriedade, experiência e modo de atuar. No que concerne às Tropas Paraquedistas também foram identificadas várias capacidades da força que se constituíram como potencializadores do emprego das respetivas FND nomeadamente: poder de fogo, treino operacional, disciplina, coragem, experiência, flexibilidade e modo de atuar. Relativamente às limitações identificadas podemos verificar que as mesmas derivam essencialmente de fatores logísticos e meios da força. Contudo em nenhum caso essas limitações se constituíram como uma impossibilidade para o cumprimento das missões que foram executadas. Os meios aéreos disponíveis foram uma das limitações mais identificadas, sendo que a impossibilidade de efetuarem evacuações aéreas noturnas e a dificuldade no processo evacuação médica delimitou bastante o emprego das Forças. Ao nível dos meios e equipamentos embora tivessem sido suficientes em todos os casos, foram identificados problemas nos mesmos nomeadamente a falta de equipamentos mais sofisticados e o facto de alguns dos mesmos não serem os mais apropriados e já apresentarem algum desgaste proveniente da sua utilização pelas Forças subsequentes.

Atendendo à **PDs: “Quais as missões mais adequadas para uma FND constituída por TEsp executarem?”**, foi identificado que esta deverá cumprir essencialmente missões onde as suas capacidades operacionais, devidamente identificadas, possam fazer a diferença. Como tal o seu emprego deverá passar pela execução de missões decisivas, nomeadamente, missões de combate rápidas, de elevada intensidade e risco. O emprego das FND para a RCA vai de acordo com o emprego desejado para esta tipologia de Forças, sendo que a missão de atuar como QRF e as tarefas adicionais que as FND desempenharam foram adequadas às capacidades, potencialidades e limitações das Forças. Embora este tipo de FND esteja capacitada para executar tarefas rotineiras ou setoriais, as mesmas não retiram o máximo proveito das suas potencialidades e vantagens de emprego, sendo por isso consideradas desadequadas. O seu emprego, porém, não deverá ter só em conta as características das missões a executar, sendo necessário avaliar o TO em que a FND será empregue. Como tal uma FND constituída por TEsp deverá preferencialmente atuar em TO de elevado risco e exigência e grande incerteza, de acordo com o tipo missões já enunciadas.

#### **6.4. Resposta à Pergunta de Partida da Investigação**

Com as respostas das perguntas derivadas, é possível enunciar a resposta à pergunta de partida: **“De que modo é que as TEsp podem ser empenhadas como FND?”**

As Forças Comandos e Paraquedistas - representam duas vertentes de forças do Exército Português com mais capacidades para serem empregues, como forças ligeiras, em FND como unidades de manobra, atuando normalmente em unidade escalão Companhia. Estas, quando empregues em FND, poderão atuar segundo uma grande diversidade de condições de emprego, nomeadamente no que concerne às características do TO, missão e tarefas a desempenhar. Podemos concluir que este tipo específico de FND deverá preferencialmente ser empregue em TO adversos, de alto risco e grande instabilidade, que requeiram da força uma capacidade de resposta rápida e flexibilidade de emprego. Este tipo de FND é mais adequada para ser empenhada em missões e tarefas que permitam o máximo aproveitamento das capacidades de emprego conceitual da respetiva tipologia de força que constituir as suas unidades de manobra, sendo que, o seu emprego como QRF permite que o mesmo se verifique. A estrutura da FND deverá se enquadrar com as missões a desempenhar e TO, das quais deverão ser introduzidas alterações na mesma caso se verifique a sua necessidade. Deverá ter ainda em conta as limitações previamente identificadas e aquelas que poderão eventualmente surgir no TO, sendo de realçar os meios disponíveis e fatores logísticos. As Forças Comandos deverão preferencialmente ser empregues numa fase inicial de abertura do Teatro derivado da sua capacidade de se constituírem como força de primeira intervenção. O empenhamento das FND no TO da RCA como QRF ao dispor do FC da MINUSCA representa um exemplo do tipo de condições e exigências para os quais este tipo de FND estão preparadas para enfrentar, sendo que o sucesso que têm obtido, veio a confirmar tipo emprego para os quais estas Forças estão preparadas e são mais adequadas.

#### **6.5. Reflexões Finais**

As características e capacidades inerentes às TEsp fazem com que estas Forças sejam ideais para serem empregues em missões Internacionais. Dentro do seu emprego em FND podemos destacar as diversas missões executadas pelas Forças Comandos e Paraquedistas. O seu emprego nos diversos TO integrado em FND demonstra a credibilidade e confiança



que o Exército Português deposita nestas Forças. O seu emprego atual nas FND para o TO da RCA tem sido materializado por um elevado sucesso, o que tem resultado em elogios das mais variadas entidades nacionais e internacionais. Assim é possível identificar que o emprego deste tipo de Forças em FND representa uma nítida vantagem nomeadamente segundo as condições idealmente já identificadas. Porém estas Forças não são as únicas capazes de ser empregues em FND e como tal em diferentes condições de emprego poderão haver Forças que se apresentem como mais adequadas.

### **6.7. Limitações da Investigação**

Uma das principais limitações deste trabalho de investigação, terá sido a escassez e restrições de acesso a material bibliográfico enquadrado com a temática em estudo. Muitos dos relatórios referentes às FND são classificados o que impossibilitou a sua consulta. Como tal a investigação teve que se basear em fontes abertas e nas entrevistas realizadas. O facto de o estudo de caso ser de origem bastante atual, leva a que a presença de material bibliográfico seja mais escassa, porém tem-se verificado um aumento exponencial da produção de estudos sobre esta temática. Outra limitação terá sido a da realização das entrevistas, pois alguns dos militares que inicialmente pretendia entrevistar não apresentava disponibilidade para tal, derivado de compromissos profissionais muitos deles ligados ainda com o seu empenhamento no TO da RCA, sendo que não foi mesmo possível a realização das entrevistas previstas a todos os militares. Outra limitação que foi identificada foi o tempo disponível para o desenvolvimento da investigação.

### **6.8. Investigações Futuras**

Para futuras investigações, poderá ser realizado um estudo que analise comparativamente o emprego das TEsp no TO da RCA e no TO do Afeganistão como FND, com o intuito de identificar quais as diferenças e semelhanças de emprego nestes dois teatros.

Sugere-se também o estudo do aprontamento das FND para a RCA, sendo que este assunto embora não tenha sido muito abordado na investigação é crucial para a preparação e treino da força para o seu emprego operacional no TO.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assembleia da República. (2005). Lei Constitucional n.º 1/2005, de 12 de agosto: Constituição da República Portuguesa – VII Revisão Constitucional. Diário da República, 1.ª série - A – n.º 155.
- Assembleia da República. (2014). Lei Orgânica n.º 6/2014 de 1 de setembro: Lei Orgânica de Bases da Organização das Forças Armadas (LOBOFA), 1.ª série, N.º167, 4597-4611. Diário da República.
- Branco, C. M. (2009). A participação de Portugal em operações de paz. Êxitos, problemas e desafios. e-cadernos ces, (06).
- Branco, C. M. (2015). A participação portuguesa em missões de paz da ONU. *Relações Internacionais*. 47, 101-126.
- Campos, L., Santos, Vieira, & Silva. (2016). O Conflito na República Centro Africana. *Série de Conflitos Internacionais*. 3(1), 1-7. Acedido a 26 de fevereiro de 2019, em <https://studylibpt.com/doc/3643653/o-conflito-na-rep%C3%BAblica-centro-africana>
- Cancelinha, A. P. (2015). O Batalhão de Comandos no Século XXI. *MAMASUME*. 78(2), 29-33.
- Carayannis, T., & Fowlis, M. (2017). Lessons from African Union–United Nations cooperation in peace operations in the Central African Republic. *African Security Review*. 26(2), 220-236.
- Carayannis, T., & Lombard, L. (2015). *Making Sense of the Central African Republic*. Londres: Zedbooks.
- Carvalho, H. (2018). Os Páras na Guerra 2.0. *Boinas Verdes*. 251, 26-33.
- Central Intelligence Agency [CIA] (2019). Africa - Central African Republic. In *The World Fact Book*. Acedido a 17 de fevereiro de 2019, em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ct.html>
- Chychota, M. & Kennedy, E. (2014). Who you gonna call? Deciphering the difference between Reserve, Quick Reaction, Striking, and Tactical Combat Forces. *Professional Forum*. 1, 16-19

- Conciliation Resources. (2016). *Perspectives of non-state armed groups in the Central African Republic*. Londres.
- Divisão de Doutrina, Normalização e Lições Aprendidas [DDNLA] (2018). *Retorno de Experiências - Lições e recomendações da 1ªFNQ/QRF/MINUSCA*. Exército Português.
- Duarte, A., Reis, B., Rodrigues, C. & Nunes, F. (2015). *Documento de Apoio, Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz, As Forças Armadas e as Forças e Serviços de Segurança*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Dukhan, N. (2016). *The Central African Republic crisis*. Birmingham: GSDRC, University of Birmingham.
- Dukhan, N. (2018). Splintered Warfare II: How Foreign Interference is Fueling Kleptocracy, Warlordism, and an Escalating Violent Crisis in the Central African Republic. In *Enough Project*. Acedido a 24 de fevereiro de 2019, em: <https://enoughproject.org/reports/splintered-warfare-ii-central-african-republic>
- Encyclopaedia Britannica. (2018). Central African Republic. In *Encyclopædia Britannica*. Acedido em 21 de fevereiro de 2019, em: <https://www.britannica.com/place/Central-African-Republic>
- Estado-Maior do Exército [EME] (2007). Tropas Especiais: Âmbito de actuação, missões e tarefas das unidades de tropas especiais. *Despacho de S. Ex.ª o Gen CEME de 28Out07*. Lisboa
- Estado-Maior do Exército [EME] (2010). PDE 3-09-00. Operações Não Convencionais. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME]. (2016). *Quadro Orgânico (09.02.03) 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista*. Tomar: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME]. (2017). *Quadro Orgânico (09.02.05) Batalhão de Comandos*. Carregueira: EME.
- Estado-Maior-General das Forças Armadas [EMGFA]. (2019a). Forças Nacionais Destacadas 2019. In *Portal do Estado-Maior-General das Forças Armadas*. Acedido a 01 de março de 2019, em: <https://www.emgfa.pt/documents/htj5dx3yrkfq.pdf>
- Estado-Maior-General das Forças Armadas [EMGFA]. (2019b). ONU - MINUSCA. In *Portal do Estado-Maior-General das Forças Armadas*. Acedido a 01 de março de 2019, em: <https://www.emgfa.pt/pt/operacoes/missoes/onuRca>

- Estado-Maior-General das Forças Armadas [EMGFA]. (2019c). EU - EUTM RCA. In *Portal do Estado-Maior-General das Forças Armadas*. Acedido a 10 de março de 2019, em: <https://www.emgfa.pt/pt/operacoes/missoes/euforrca>
- Galhano, C. A. (2016). Comandos - A Excelência da Primeira Intervenção do Exército Português. *MAMASUME*. 78(2), 22-26.
- Hémez, R. (2017). A Operação Sangaris: Um Estudo de Caso sobre Intervenção Militar Limitada. *Military Review*. Acedido a 19 de fevereiro de 2019, em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Artigos-Exclusivamente-On-line/Artigos-Exclusivamente-On-line-de-2017/A-Operacao-Sangaris/>
- International Crisis Group [ICG] (2015). Central African Republic: The Roots of Violence. *Africa Report*. 230. Acedido a 23 de fevereiro de 2019, em: <https://www.crisisgroup.org/africa/central-africa/central-african-republic/central-african-republic-roots-violence>
- Instituto de Estudos Superiores Militares [IESM]. (2016). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: IESM.
- Kah. & Kam, H. (2014). Anti-Balaka/Séléka, "Religionisation" and Separatism in the History of The Central African Republic. *Conflict Studies Quarterly*. 9, 30-48.
- Lombard, L. (2016). *State of Rebellion - Violence and Intervention in the Central African Republic*. Londres: Zed Books.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN] (2014). Conceito Estratégico Militar. In Faculdade de Direito – Universidade Nova de Lisboa. Acedido a 05 de março de 2019, em: [http://www.fd.unl.pt/docentes\\_docs/ma/FPG\\_MA\\_27255.pdf](http://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/FPG_MA_27255.pdf)
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2016). Diretiva N.º1 (Alt.) 1ª FND/MINUSCA/2016. *Aprontamento da Companhia para a missão na MINUSCA*. Carregueira.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2017). Diretiva N.º2/1FND/MINUSCA. *Emprego da 1.ª FND para a missão na MINUSCA*.
- Morrison, M. (2016). *Central African Republic Governance and Political Conflict*. Brooklyn: Victoria General Printing.
- Paulino, G. M. (2016). 1.ª Força Nacional Destacada (FND)/MINUSCA 2.ª Companhia de Comandos. *MAMASUME*. 79(2), 27-33.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2013). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (6ª Edição). Lisboa: Gradiva.
- Ramalho, J. P. (2009). O Aprontamento e Sustentação das Forças do Exército nas Missões Internacionais da NATO. *Nação e Defesa*. 123(4), 63-80.
- Sarmento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Sousa, F. (2011). A Participação de Portugal nas Operações de Paz e a Segurança Nacional. *Revista Militar*. 2509/2510, 271-297.
- United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs [OCHA]. (2018). Humanitarian Response Plan: Central African Republic. In *Humanitarian Response*. Acedido a 27 de fevereiro de 2019, em: <https://www.humanitarianresponse.info/en/operations/central-african-republic/document/humanitarian-response-plan-2019>
- Weyns, Y., Hoex, L., Hilgert, F., & Spittaels, S. (2014). *Mapping Conflict Motives: The Central African Republic*. Antwerp: IPIS.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – ORGANIGRAMA MINUSCA PRTQRF

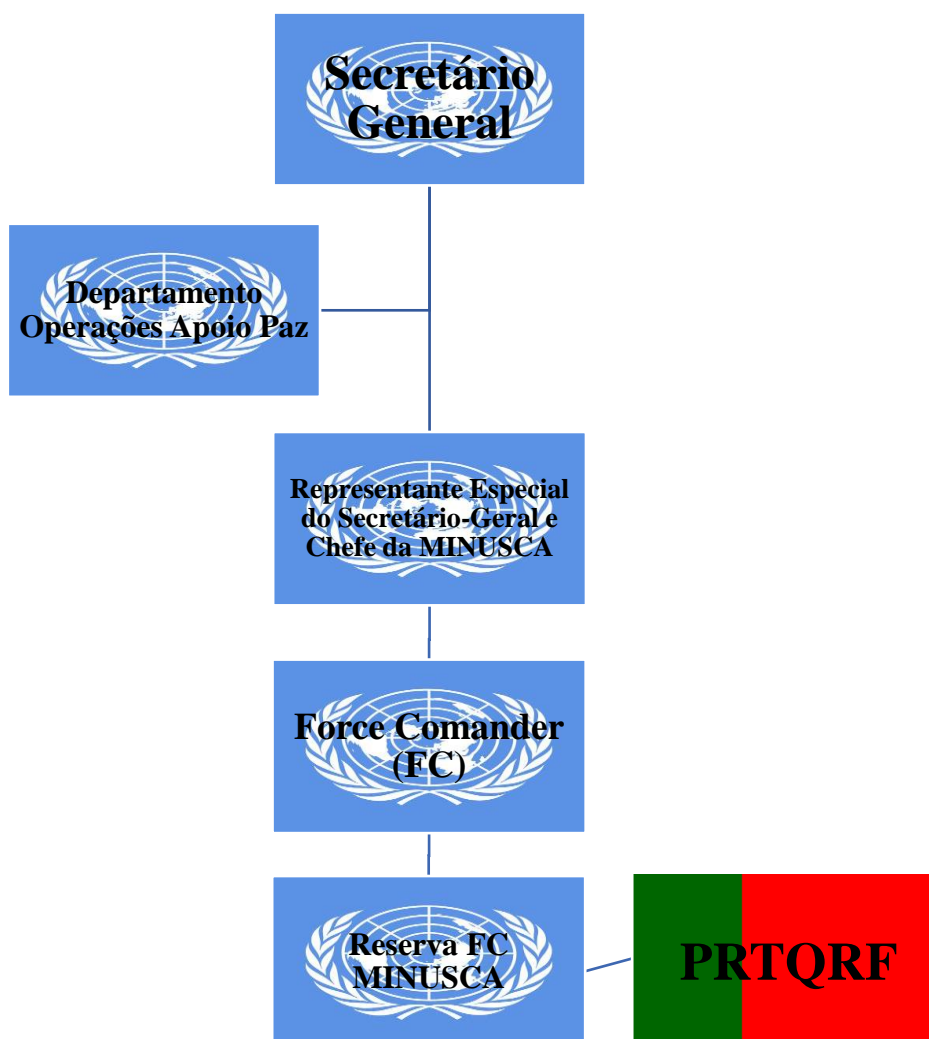


Figura n. ° 3- Organograma MINUSCA PRTQRF

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE B – ESTRUTURA OPERACIONAL PRTQRF

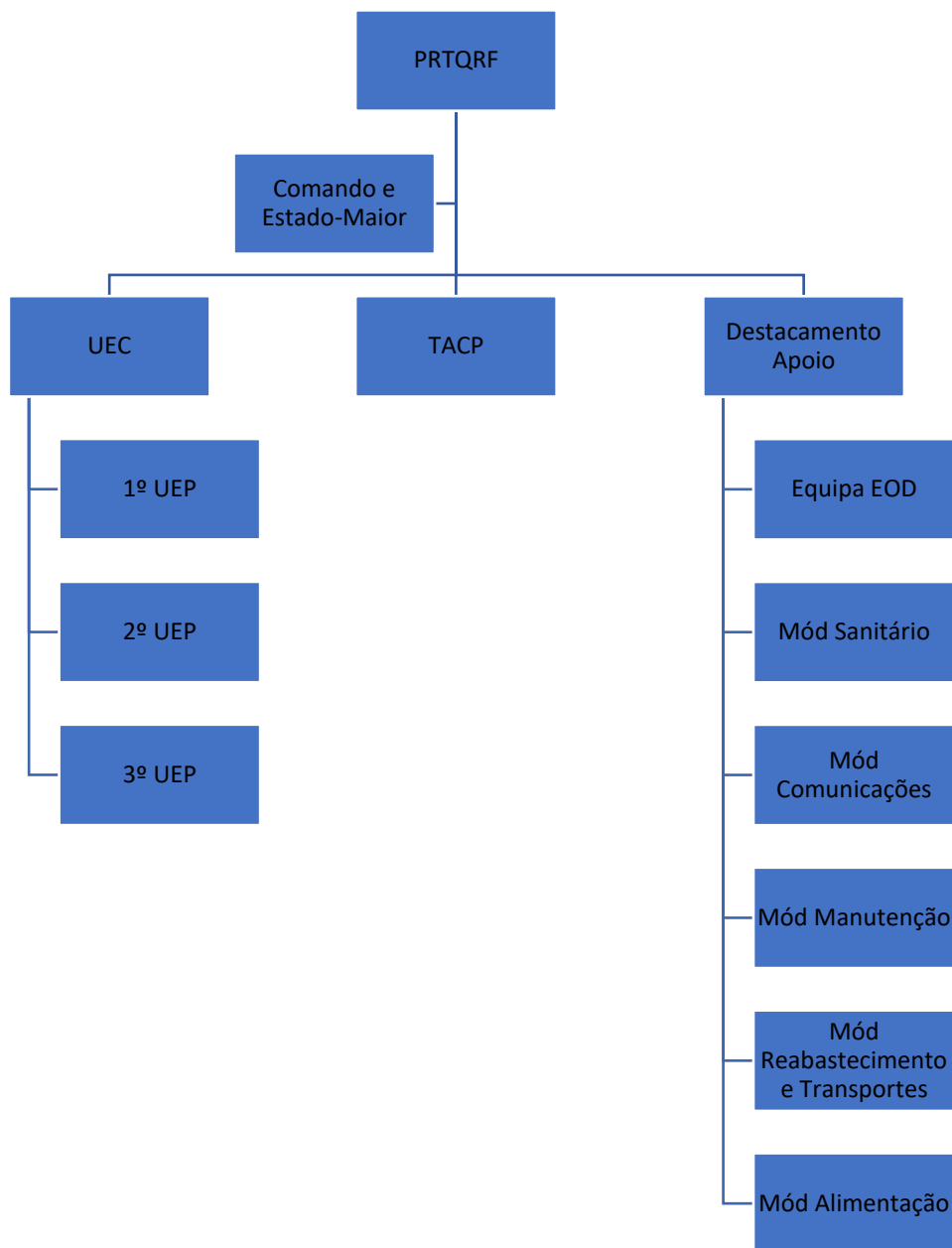


Figura n.º 4- Estrutura Operacional PRTQRF

Fonte: Elaboração Própria



## **APÊNDICE C – GUIÃO ENTREVISTA**



### **ACADEMIA MILITAR**

#### **EMPREGO DE TROPAS ESPECIAIS EM FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS**

#### **Estudo de Caso: Teatro de Operações da República Centro Africana**

**Autor:** Aspirante de Infantaria Tiago Teixeira Domingos Mendes Lomba

**Orientador:** Tenente Coronel de Infantaria Comando Musa Paulino

**Mestrado integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, maio de 2019**

## **1. Informação Fornecida ao Entrevistado**

Gostaria antes de mais de agradecer-lhe pela sua disponibilidade em participar nesta entrevista. Sou o Aspirante de Infantaria Tiago Lomba e de momento estou a realizar o meu Trabalho de Investigação Aplicado, subordinado ao tema “Emprego de Tropas Especiais em Forças Nacionais Destacadas. Estudo de Caso: Teatro de Operações República Centro Africana”

Como objetivo geral desta entrevista, pretende-se identificar de que modo é que as Tropas Especiais (TEsp) presentes na República Centro Africana (RCA), são empregues em missões Internacionais como Força Nacional Destacada (FND).

Sendo assim os objetivos específicos desta investigação são:

- Analisar o TO da RCA nas suas diferentes componentes, de forma a caracterizar o Teatro em que as forças foram empregues.
- Identificar se as capacidades e estrutura das FND eram adequadas ao TO e às missões executadas.
- Identificar se o empenhamento das TEsp do Exército Português empenhadas no TO da RCA, se enquadra com o seu conceito de emprego.
- Identificar as potencialidades e limitações das FND empenhadas no TO da RCA.
- Identificar o tipo de missões mais indicadas para uma FND constituída por TEsp.

## **2. Consentimento de realização de Entrevista**

Peco-lhe que leia o documento de consentimento de realização de entrevista e que assine o mesmo como indicado.

## **3. Identificação do Entrevistado**

Nome:

Género:

Idade:

Posto:

Função:

Local:

Data:

#### **4. Entrevista**

Todas as respostas dadas nesta entrevista serão alvo de análise posterior sendo o seu conteúdo um dado fundamental para a investigação, peço-lhe que derivado da sua importância que as mesmas sejam o mais completas possíveis.

Caso pretenda realizar uma análise das respostas posteriormente as mesmas serão disponibilizadas. O trabalho final poderá também ser lhe facultado após a sua aprovação sendo que o mesmo estará disponível o Repositório Comum da biblioteca da Academia Militar.

#### **Corpo de Questões:**

(Deverá responder de acordo com a função que desempenhou na FND)

##### **Questão n.º 1**

- Quais foram as principais dificuldades sentidas pela Força no TO da RCA, relativamente ao empenhamento operacional, tendo em atenção as ameaças, o terreno e as condições meteorológicas?

R:

##### **Questão n.º 2**

- A estrutura e organização da Força foram adequadas às exigências que lhe foram impostas pelo TO e pelas missões executadas?

R:

##### **Questão n.º 3**

- As capacidades da Força foram suficientes para as exigências impostas pelo TO e missões executadas?

##### **Questão n.º 4**

- Que tipos de missões foram atribuídas à Força durante o seu emprego no TO da RCA?

R:

**Questão n.º 5**

- A tipologia de Forças que constituiu as unidades de manobra da FND, foi a mais indicada para cumprir as missões que lhe foram atribuídas? Justifique.

R:

**Questão n.º 6**

- Que potencialidades e limitações foram identificadas no emprego operacional da Força no TO da RCA?

R:

**Questão n.º 7**

- O facto de a FND ser constituída por elementos pertencentes a TEsp influenciou o desempenho da Força? Justifique.

R:

**Questão n.º 8**

- O emprego de FND constituídas por TEsp (ao nível da manobra) foi o mais adequado para este TO?

R:

**Questão n.º 9**

- Quais considera ser as vantagens e desvantagens de empregar FND constituídas por TEsp (Comandos e Paraquedistas)?

R:

**Questão n.º 10**

- Quais considera ser as missões mais indicadas para uma FND constituída por TEsp (Comandos e Paraquedistas) desempenhar?

R:

## **APÊNDICE D – CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA**

### **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA**

Tomei conhecimento que o no âmbito do ciclo de estudos do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria se encontra a realizar um Trabalho de Investigação Aplicado cujo o tema é “Emprego de Tropas Especiais em Forças Nacionais Destacadas – Estudo de Caso: Teatro de Operações da República Centro Africana”. O designado Trabalho de Investigação Aplicado está a ser realizado pelo Aspirante de Infantaria Tiago Lomba e com a orientação do Tenente-Coronel de Infantaria Comando Musa Paulino.

Com esta declaração, concordo em participar numa entrevista presencial realizada pelo Aspirante Tiago Lomba onde serão efetuadas um conjunto de perguntas previamente definidas. Declaro ainda que não irei usufruir de qualquer compensação proveniente da entrevista. Após a investigação os resultados poderão ser obtidos através do investigador ou através do Repositório Comum da biblioteca da Academia Militar.

Aceito participar na entrevista proposta.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Obrigado pela sua disponibilidade e colaboração

Aspirante de Infantaria

Tiago Lomba

Contacto: [tiagolomba1996@gmail.com](mailto:tiagolomba1996@gmail.com) / 919658196

## APÊNDICE E – ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

**Quadro n.º 1 - Resposta à questão n.º 1 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 1:</b> “Quais foram as principais dificuldades sentidas pela Força no TO da RCA, relativamente ao empenhamento operacional, tendo em atenção as ameaças, o terreno e as condições meteorológicas?”
1	“...responder de forma rápida e eficaz face às constantes ameaças que se revelavam no terreno (...) adversas condições meteorológicas e do terreno...”
2	“Relativamente às ameaças, a principal dificuldade foi as informações dadas sobre os grupos armados pelo escalão superior que nem sempre eram fidedignas e oportunas (...) e vários grupos armados misturavam-se com a população(...) Ao nível do terreno e condições meteorológicas as dificuldades foram bastantes nomeadamente o estado degradado dos itinerários (...) aliado a isso as temperaturas a rondar em média 35º com cerca de 80% de humidade ...”
3	“... ao nível das condições climáticas nomeadamente o calor, penso que embora as mesmas fossem ásperas os homens foram capazes de se adaptar com o tempo (...) o terreno também dificultava bastante a velocidade de movimento da Força, pois as estradas de um modo geral encontravam-se em péssimo estado. (...) em relação às ameaças uma dificuldade que foi identificada, foi o facto da ser bastante difusa e difícil de identificar ...”
4	“... a qualidade e falta de informação acerca da ameaça foi uma dificuldade constante (...) as condições meteorológicas não tiveram grande efeito na Força pois houve uma adaptação por parte dos militares (...) estradas estavam em péssimo estado e na maioria eram de terra batida, como as viaturas iam muito carregadas havia um grande desgaste das mesmas o que obrigava a várias paragens para manutenção.”
5	“... a ameaça apresenta-se difusa e por vezes não era possível clarificar a sua posição e intenção em relação as Forças da ONU (...) a falta de informação disponível sobre a ameaça (...) o terreno não se apresenta favorável aos nossos deslocamentos, os itinerários estão em péssimo estado (...) as condições meteorológicas requerem uma face de adaptação mas foram facilmente ultrapassadas”
6	“...a predominância dos grupos armados e do crime organizado (...) havia uma falta de informação sobre a ameaça (...) as condições meteorológicas são duras e obrigam a uma atenção constante por causa das insolações e desidratação. (...) as estradas em péssimas condições ...”
7	“...foi sem dúvida a escassez de informação relativamente aos grupos armados (...) condições climáticas adversas (...) terreno difícil, nomeadamente a rede estradal...”
8	“As condições ambientais, como a temperatura e a humidade era bastante complicadas, porém, a Força com o tempo habitua-se (...) o terreno dificultava bastante os nossos movimentos pois as estradas estão bastante degradadas e na sua maioria são de terra batida (...) a ameaça era provavelmente o fator mais complicado deste TO (...) a ameaça infiltrava-se na população sendo por vezes difícil de distinguir a mesma...”

**Fonte: Elaboração Própria**

**Quadro n.º 2 - Resposta à questão n.º 2 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 2:</b> “A estrutura e organização da Força eram adequadas às exigências impostas pelo TO e às missões executadas?”
1	“Considero que eram adequadas, com pequenos ajustes e adaptações. No caso da 1ªFND à medida que as operações iam decorrente houve lições identificadas que introduziram algumas alterações no dispositivo, passando a lições aprendidas ...”
2	Não respondeu à questão

3	“Sim, contudo, a estrutura da Força tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo resultando da identificação de lacunas na mesma (...) para as missões que viemos a cumprir poderiam ter sido feitos alguns ajustes que auxiliariam a nossa atuação, sendo que muitas delas foram introduzidos nas Forças subsequentes (...) porém estávamos limitados a uma estrutura previamente definida, mas a mesma foi suficiente para a tipologia de operações que realizadas.”
4	“Sim, contudo, deveria haver uma célula de informações para auxiliar a parte da recolha de informação, de resto penso que a estrutura era adequada para a missão que cumprimos”
5	“De um modo geral sim (...) mas pode-se reforçar ao nível do apoio logístico, uma vez que estamos num dos países mais pobres do mundo onde o acesso a coisas banais tais como água, víveres e combustíveis era de caráter dificultado.”
6	“De um modo geral sim (...) a Força reorganizou-se para cumprir a missão e executou-a com elevada proficiência sendo de referir as lições aprendidas com os anteriores contingentes portugueses (...) porem penso que um Tenente Coronel não deve ser o comandante dos três pelotões, pois tem ainda um Destacamento Apoio, comandado por um Capitão, um Estado-Maior e um TACP, e um conjunto de responsabilidades com que têm de se preocupar e acautelar.(...) O comandante da Força deverá ser Tenente-Coronel, mas deve ter um comandante de companhia para a manobra”
7	“...careceu de ter um Cmdt de Companhia para poder libertar mais os Cmdts de Pelotão e estes estarem mais próximos dos seus homens (...) situação esta, que levava muitas vezes a haver a necessidade de se fazerem bastantes coordenações entre os Cmdts de Pelotão da manobra e o S3 ou mesmo com o 2ºCmdt/Cmdt.”
8	“Sim, mais ao nível das unidades de manobra sendo que houve alterações resultantes de lacunas identificadas em Forças anteriores (...) a Força careceu apenas da figura de um Cmdt de Companhia pois não considero adequado o Cmdt da manobra ser o Cmdt da FND (...) realço ainda que essa ausência muitas vezes levava a profusão de várias ordens para os Cmdts de Pelotão por vezes contraditórias entre si.”

Fonte: Elaboração Própria

#### Quadro n.º 3 - Resposta à questão n.º 3 do guião da entrevista

N.º	<b>Questão n.º 3:</b> “As capacidades da Força foram suficientes para as exigências impostas pelo TO e missões executada? Justifique.”
1	“Sim. Pois todas as missões realizadas se enquadravam no acordado entre Portugal e as NU (...) contudo a escassez de meios aéreos da MINUSCA, impeliu a 1.ª FND a atuar, na maioria, por via terrestre, aumentando os tempos de reação (...) contudo a Força não pode deixar de cumprir a missão, mesmo com grande sacrifício.”
2	Não respondeu à questão
3	“Foram suficientes sendo que tal se verificou, pois, todas as operações que realizamos foram bem sucedidas (...) o facto de a MINUSCA dispor de poucos meios aéreos e os mesmos só poderem ser ativados durante o dia, restringia a atuação das nossas Forças (...) o Exército terá efetuado um esforço acrescido para nos facultar o melhor material possível, porem, o mesmo nem sempre era o mais ideal ... ”
4	“Eram suficientes, contudo o problema da falta de pessoal nas fileiras que se sente atualmente (...) impediu de certa forma que a Força atingisse um nível superior.”
5	“Sim (...) em relação aos meios temos do que melhor o Exército tem para oferecer, apesar de que á certo material que necessita de ser substituída, de realçar problemas de manutenção com as viaturas e sua operabilidade.”
6	“Sim (...) a falta de apoio aéreo também era muito crítico (...) depois do por do sol os helis da MINUSCA não voavam (...) claro que mais meios de recolha de informação, armamento e meios de comunicações, bem como camaras térmicas tinham exponenciado o potencial de combate”
7	“De uma forma geral sim, pois demos resposta a todas as missões que nos foram incumbidas (...) os meios disponíveis não eram os mais indicados, no que respeita muitas vezes ao estado em que

	se encontravam de bastante desgaste (...) careceu de termos alguns equipamentos mais sofisticados ...”
8	“Tendo em conta a ameaça que estava presente no TO, sim (...) sendo que a principal capacidade da força penso que não residia nos meios, mas sim nas características da Força e no seu treino operacional. (...) os meios disponíveis eram suficientes de modo geral, porém, alguns já não estavam nas melhores condições...”

**Fonte: Elaboração Própria**

**Quadro n.º 4 - Resposta à questão n.º 4 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 4:</b> “Que tipos de missões foram atribuídas à Força durante o seu emprego no TO da RCA?”
1	“...patrulhas de segurança; patrulhas de reconhecimento; escoltas a altas entidades e outras Forças; operações para controlar e defender terreno e infraestruturas chave; operações de cerco e busca; patrulhas de reconhecimento; e operações CIMIC (...) com recurso a meios aéreos a força planeou, controlou e executou várias missões onde dirigiu a ação de helicópteros de ataque...”
2	“...Operações de cerco e busca, reconhecimentos de Itinerários, Área e Zona, escoltas, proteção de infraestruturas, operações de limpeza de Aldeias (..) além destas operações que foram planeadas, a 1FND teve outras inopinadas em que por vezes teve que ser chamada para defender a população de ataques de grupos armados.”
3	“... efetuar a proteção de civis; Operações de vigilância e de recolha de informações; Operações de reconhecimento; Operações de Cerco e Busca; Patrulhas de Segurança; Proteção entidades ou outras Forças; Resposta rápida a uma crise em curso; Defesa de Pontos Sensíveis; Dirigiu a ação de helicópteros de ataque; Atividades CIMIC. Operações ofensivas deliberadas (...) As duas projeções que fizemos para fora de Bangui foram as operações mais importantes e de maior impacto que a força executou.”
4	“...efetuamos reconhecimento, escoltas, proteção a altas entidades, defesa de pontos sensíveis, proteção de civis, patrulhas, operações de Cerco e Busca (...) também efetuamos atividades CIMIC (...) Defesa de Pontos Sensíveis, Recolha de informações e operações ofensivas”
5	“Proteção de civis, controlo do território, expulsar grupos armados de cidades e aldeias, cerco e busca (...) patrulhas de segurança e patrulhas de reconhecimento, escoltas a altas entidades...”
6	“Executou patrulhas de segurança, operações de vigilância e de recolha de informações; reconhecimentos na AOp, protegeu infraestruturas ou áreas sensíveis (...) protegeu entidades ou outras Forças, efetuou escoltas, conduziu operações de cerco e busca, dirigiu a ação de helicópteros de ataque, conduziu atividades de Coordenação Civil e Militar (CIMIC) ...”
7	“...atendendo que a nossa missão no TO era de QRF da MINUSCA na sua maioria as nossas missões passaram pela ativação da QRF. Contudo, planeamos e executamos operações de Cerco e Busca, Patrulhas de Reconhecimento e Segurança, assim como Segurança de posição.”
8	“... Missões típicas associadas à ativação da QRF. (...) Executamos duas operações de natureza ofensiva; Patrulhamentos; Golpes de mão; Escoltas; Defesa de pontos sensíveis; Operações de cerco e busca; Atividades CIMIC”

**Fonte: Elaboração Própria**



**Quadro n.º 5 - Resposta à questão n.º 5 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 5:</b> “A tipologia de Forças que constituiu as unidades de manobra da FND, foi a mais indicada para cumprir as missões que lhe foram atribuídas? Justifique.”
1	“Sim porque estamos a falar de uma abertura de teatro, novo e desconhecido para Portugal, o que implica Forças com capacidades especiais (...) neste enquadramento as características e capacidades das Forças Comandos, adequam-se à tipologia de força, que é orientada como força de primeiro emprego do Exército Português”
2	“Sim. Tratando-se de um teatro de operações extremamente complexo e volátil, em que as condições climáticas são exigentes aliadas ao tipo de terreno, só uma força tipo os Comandos altamente flexível é que podiam ser empregue neste TO...”
3	“Sim. Pois os Comandos como força de excelência de primeira intervenção apresentam todas as características necessárias para a abertura e emprego neste TO (...) face aos resultados obtidos pelos Comandos penso que o seu emprego é completamente adequado...”
4	“Sim (...) isto deve-se ao facto de as Forças Comandos que constituíram as unidades de manobra serem dotadas de um elevado nível de treino, exigência, profissionalismo e seriedade, característico das TEsp (...) o estado de prontidão e a organização das Forças Comandos permitiu que a força fosse capaz de responder a todas as missões de forma rápida e eficaz”
5	“Sim (...) pois são Forças de combate ligeiras, vocacionados para as operações convencionais e de natureza ofensiva (...) como tal reflete inteiramente no emprego neste tipo de Teatro de Operações.”
6	“Sim, pois as capacidades das Forças Paraquedistas ao nível do seu treino, disciplina e motivação permitiram fazer face a todas as necessidades exigentes do TO (...) estas capacidades acabaram por influenciar o combate nas alturas mais decisivas.”
7	“Sim, pois, dadas as características que as Forças Paraquedistas apresentam para cumprir missões desta natureza ...”
8	“Sim, muito derivado do sucesso da missão e das exigências que nos foram impostas. (...) sendo que todas as missões foram sempre cumpridas com muito sucesso...”

**Fonte: Elaboração Própria**

**Quadro n.º 6 - Resposta à questão n.º 6 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 6:</b> “Que potencialidades e limitações foram identificadas no emprego operacional da Força no TO da RCA?”
1	“Potencialidades, destaco a capacidade de agir de forma rápida e decisiva em situações-chave, incrementando uma nítida vantagem à MINUSCA (...) limitações destaco a autossustentação limitada e limitação em empenhamentos com recursos a meios aéreos, dependendo de terceiros para as referidas missões.”
2	“Potencialidades no que diz respeito à flexibilidade, pois era uma força preparada para tudo, desde operações de combate até uma simples escolta (...) poder de fogo (...) disciplina e sentido de missão, (...) em termos de limitações tem mais a ver com os nossos meios (...) nomeadamente ao nível das viaturas e da sua blindagem e problemas de manutenção (...) a interoperabilidade entre Forças da MINUSCA constituía-se como um verdadeiro desafio...”
3	“Uma das potencialidades é a capacidade de operar durante a noite, porém o facto de a MINUSCA não dispor de evacuamento aéreo noturno limita esta possibilidade. (...) As várias potencialidades da Forças Comandos ao nível do seu emprego e modo de atuar. (...) Limitações mais ao nível dos apoios e da logística nomeadamente ao nível da blindagem das viaturas (...) Os meios aéreos disponíveis não eram os mais adequados (...) havia dificuldades em operar com outras Forças da MINUSCA...”

4	“Como Potencialidades o treino da força que foi crucial em todos os momentos constituindo como uma nítida vantagem perante a ameaça, (...) a capacidade de atuar de forma rápida e decisiva em todas as tarefas que nos foram incumbidas tendo em conta todas as dificuldades do TO, (...) a nossa disciplina e forma de atuar, (...) Quanto às limitações a sua maioria eram resultado de problemas logísticos (...) algumas viaturas não eram as mais adequadas para algumas situações (...) o apoio de meios aéreos era escasso....”
5	“Potencialidades podemos referir o facto de ser dos poucos contingente a realizar as missões com seriedade, profissionalismo e imparcialidade, ou seja o facto de as nossas Forças serem empregues vai dar mais garantias do sucesso da missão (...) limitações de referir as dificuldades dos nossos meios logísticos e manutenção enquanto projetados (...) e a falta de meios aéreos para apoiar nas missões de combate....”
6	“Como Potencialidades o poder de fogo (...) o treino e a disciplina na execução das TTP, (...) (...) As principais limitações seriam ao nível das viaturas nomeadamente da blindagem (...) a incapacidade de MEDEVAC, (...) a fragilidade do apoio aéreo tático (...) as técnicas, táticas e procedimentos são diferentes entre as Forças o que exponenciava o fratricídio (...) Conduzir operações conjuntas, que requeiram coordenações ou confiança no desempenho de outras Forças, é um desafio (...) além das diferenças na qualidade do treino e do equipamento, que se traduzem necessariamente em desempenho operacional ...”
7	“Como potencialidades a coragem e o treino do soldado paraquedista revelou-se fulcral para o sucesso das missões, (...) a par da experiência de muitos dos militares que comportavam a 3.ª FND (...) Como limitações, o avançado desgaste apresentado por algum material... “
8	“Potencialidades identifico como principal a massa humana que constituía as unidades de manobra da força (...) as suas capacidades associadas a disciplina, flexibilidade e generosidade foram crucias para o sucesso da missão. (...) Como limitações principais identifico o equipamento disponível, que embora fosse bom não era o mais ideal e já não se encontrava nas melhores condições (...) as outras Forças que operavam para a MINUSCA apresentavam técnicas, táticas e procedimentos bastante diferentes das nossas ... (...) o treino e equipamentos da nossa força era muito superior ao das restantes...”

Fonte: Elaboração Própria

**Quadro n.º 7 - Resposta à questão n.º 7 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 7: “O facto de a Força ser constituída por elementos pertencentes a TEsp influenciou o desempenho da Força? Justifique.”</b>
1	“Sim. Pois para este tipo de missão são necessárias capacidades especiais que só as TEsp possuem (...) quando falamos em ambiente incerto e risco elevado, como é o da RCA, só determinadas Forças têm as capacidades necessárias para fazer face à missão e aos imprevistos normais nestes ambientes (...) características estas só possíveis em TEsp ...”
2	“Sim (...) Sendo uma força constituída como base numa Companhia de Comandos, em que a sua formação e treino são direcionados para o combate, os resultados operacionais tinham que ser dos melhores.”
3	“Sim, influenciou na medida em que, as condições vividas do TO são difíceis (...) o que exige que a força que lá estiver esteja preparada para resolver situações na sua maioria bastante complicadas. (...) O facto de a força ser constituída por TEsp, neste caso os Comandos permitem que toda a nossa preparação desde a formação obtida no curso de Comandos, ao nosso treino operacional seja vocacionado para preparar a força para este tipo de missões”
4	“Efetivamente, pois, comparativamente às outras Forças da MINUSCA era possível notar uma clara diferença entre as TEsp e as ditas Forças regulares (...) a nossa forma de atuar e estar era única no TO (...) o facto de a força ter sido capaz de responder a todas as situações, deve-se ao que aprendemos no curso de Comandos e aquilo que fomos sujeitos, para nos preparar para o combate.”
5	“Claramente, pois toda a formação que cada militar foi sujeito desde o curso de Comandos, ao treino operacional no Batalhão de Comando até à experiência da Unidade em situações de combate é uma mais valia quando empregue...”

6	“Sim claro (...) o grande trunfo foi a franca camaradagem, espírito de corpo e de interajuda que existiu entre todos os elementos, juntamente com a disciplina, treino e motivação característico das TEsp...”
7	“...a formação assim como o treino operacional nos respetivos Batalhões são orientados para os incidentes e tipologia de ameaças vividas nos atuais TO que as FND estão presentes e conduzem as operações nesses TO e isso verificou-se ao longo da missão...”
8	“Um fator determinante nas TEsp é a sua forma de estar, disponibilidade e forma de atuar que considero ser única (...) pessoal que está habituado à dureza e dificuldades, resultado do treino que vão adquirindo ao longo da carreira (...) havia uma grande diferença entre os militares de TEsp e os restantes do TO...”
9	“Naturalmente, pois as TEsp apresentam uma maior preparação militar, o que lhes permite com mais rapidez e consistência responder a um espectro maior de solicitações (...) tem uma melhor preparação física e psicológica que permite fazer face às incertezas do Teatro (...) uma Tropas Especial tem uma maior capacidade de fazer face a situações inopinadas”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro n.º 8 - Resposta à questão n.º 8 do guião da entrevista

N.º	Questão n.º 8: “O emprego de FND constituídas por TEsp (ao nível da manobra) foi o mais adequado para este TO?”
1	“Sim. Tendo em conta a missão atribuída a Portugal (...) pois com outra tipologia de missão, tipo mais sectorial e estática, é admissível Forças sem serem TEsp. Aqui a missão atribuída é muito importante, pois vai definir o tipo de Forças empregues.”
2	“Sim, tendo em conta o tipo de missão do qual fomos incumbidos e as características do TO...”
3	“Para o tipo de missão que cumprimos, sim (...) Porém se a missão de Portugal na MINUSCA não se materializar através de uma QRF, mas através de outro tipo de missão, aí eventualmente poderá ser empregue outra tipologia de Forças (...)”
4	“Sim, pois a forma de atuar dos Comandos como Tropa Especial permitiu que a missão fosse cumprida da forma mais eficiente possível. (...) Os comandos como força de primeira intervenção constituem-se como uma força ideal para o conflito vivido na RCA derivado das suas capacidades e potencialidades, (...) de momento não vejo outra força a atuar neste TO para além de TEsp.”
5	“Sim, sem dúvida, enquanto QRF e da forma que esta a ser empregue na execução de missões de elevada exigência, (...) e a força estar mais bem preparado para o cenário que vai encontrar.
6	“Sim, pois as suas características únicas ao nível do treino, disciplina e motivação fazem deste tipo de Forças as mais capazes para atuar neste tipo de TO e missão. “
7	“Sim, essencialmente nas unidades de manobra derivado da missão que estávamos a executar e das características do TO...”
8	“Sim essencialmente ao nível da manobra, pois as características do TO e as missões que foram executadas exigem um conjunto de capacidades que vão de encontro com o das TEsp (...) Tendo em conta a atual situação do TO da RCA e a missão de atuar como QRF, acho impossível empregar Forças que não TEsp”
9	“... as TEsp são quem estão mais bem preparadas para esta missão e no caso dos Comandos para realizar a abertura do Teatro (...) uma força de intervenção não tem que ser necessariamente uma Tropa Especial, pode ser desempenhado por outra força (...) porém não estão tão bem preparadas como as TEsp...”

Fonte: Elaboração Própria

**Quadro n.º 9 - Resposta à questão n.º 9 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 9:</b> “Quais considera ser as principais vantagens e desvantagens de empregar FND constituídas por TEsp (Comandos e Paraquedistas)?”
1	“Vantagens serão a garantia de sucesso, pois estão preparadas para condições incertas e arriscadas, como é o caso da RCA, sendo que têm grande capacidade de adaptação e reação a novas situações. (...) Desvantagens: face ao número reduzido de efetivos pertencentes às Topas Especiais, o empenhamento neste tipo de TO pode exaurir a capacidade de empenhamento das mesmas.”
2	“Só vejo vantagens em empregar FND cuja unidade de manobra seja oriunda de TEsp (...) só o facto de terem uma formação e treino direcionados para o combate, como é o caso dos Comandos é uma vantagem enorme...”
3	“Só há vantagens a meu ver. (...) as capacidades destas Forças de atuar em TO com condições difíceis, onde o risco é constante representa uma nítida vantagem. (...) a presença de uma força com elevado treino, disciplina e flexibilidade...”
4	“... penso que a sua principal vantagem é mesmo a capacidade que as TEsp têm de atuar em condições difíceis e de elevado risco como no TO da RCA...”
5	“Vantagens será a formação e treino que estas Forças são sujeitas, que preparam melhor o combatente para este tipo de teatros (...) o rigor e exigência do treino praticado pelas TEsp...”
6	“Vantagens Principais serão o seu treino específico e orientado; a sua rusticidade; a sua adaptação às condições mais difíceis; a sua experiência em combate (...) não encontro quaisquer desvantagens...”
7	“...o seu treino e formação é orientado para este tipo de teatro e missão (...) as suas capacidades de emprego de forma rápida e eficaz são uma mais valia para qualquer força que integrem...”
8	“... a principal vantagem é as capacidades que estas Forças dispõem para operar em TO de alta intensidade e em tarefas críticas (...) não vejo desvantagens na sua utilização...”
9	“Vantagens são as decorrentes de uma melhor preparação técnica, militar, física e psicológica (...) as desvantagens apenas identifiquei o facto de uma unidade de TEsp não ser capaz de realizar a manutenção da permanência de um TO ...”

**Fonte: Elaboração Própria**

**Quadro n.º 10 - Resposta à questão n.º 10 do guião da entrevista**

N.º	<b>Questão n.º 10:</b> “Quais considera ser as missões mais indicadas para uma FND constituída por TEsp (Comandos e Paraquedistas) desempenhar?”
1	“Tendo em conta a missão de QRF, e não descurando todas as missões passíveis de serem feitas por TEsp, estas devem ser empenhadas onde podem fazer a diferença (...) em ações rápidas e decisivas...”
2	“... a principal missão da força Portuguesa de se constituir como QRF considero ser adequada para este tipo de Forças...”
3	“O tipo de missões que tem sido dada a este tipo de Forças, como na RCA (...) Operações que exigem uma força capaz de reagir de forma rápida e eficaz. (...) Não é adequado uma missão onde a força tem um Área de Operações atribuída sendo a mesma mais adequada para tropas de Infantaria regular...”
4	“Atuar segundo uma QRF é provavelmente o mais indicado. (...) porem penso que este tipo de forças deverá ser empenhado essencialmente em tarefas decisivas, onde as suas capacidades e treino possam fazer a diferença, (...) De modo geral as tarefas executadas na RCA vão de acordo com a tipologia de operações mais indicada para este tipo de Forças executar...”

5	“Atuar apenas como QRF, e não ser empregue em trabalhos rotineiros como foi o caso da nossa missão ...”
6	“Depende das suas especificidades. (...) para a execução de tarefas no TO RCA, considero que as que estão atribuídas e foram cumpridas são corretas, exceto utilizar em tarefas de tropa de quadricula. (...) o seu contributo principal deverá focar-se em executar tarefas de combate de grande intensidade, mas de pequena duração.”
7	“... atuar como QRF parece-me o mais apropriado (...) a força deverá ser empregue de acordo com as suas capacidades devidamente identificadas (...) contudo acho que este tipo de Forças deve atuar em tarefas decisivas em que as capacidades desta tipologia de Forças possam fazer a diferença...”
8	“... o seu emprego em operações setoriais julgo ser completamente desadequado, pois retira proveito das capacidades da Força (...) Este tipo de Forças deverá agir de acordo com uma QRF e de acordo com as capacidades e possibilidades identificadas em QO. (...) Sendo que o seu emprego é mais aproveitado quando utilizado em missões de alta intensidade e em tarefas decisivas”
9	“... o seu emprego como QRF é adequado (...) se no seu emprego em missões for perspectivado a projeção durante vários dias para fora do raio de ação das bases, Forças constituídas por TEsp são as mais indicadas ...”

**Fonte: Elaboração Própria**

## **ANEXOS**

## ANEXO A – MAPA DA RCA

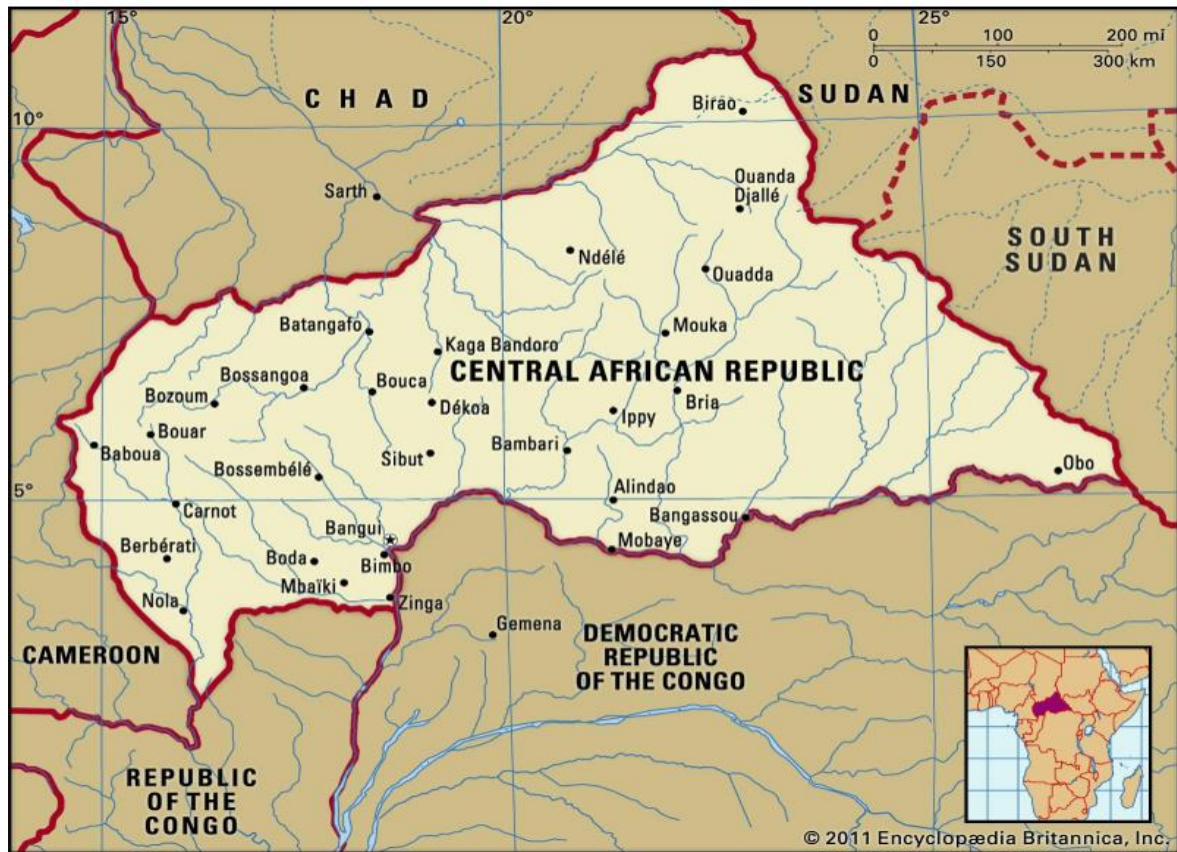


Figura n.º 5- Mapa da RCA

Fonte: Encyclopaedia Britannica, 2018, p.1.

## ANEXO B – INFLUÊNCIA DOS GRUPOS ARMADOS NA RCA

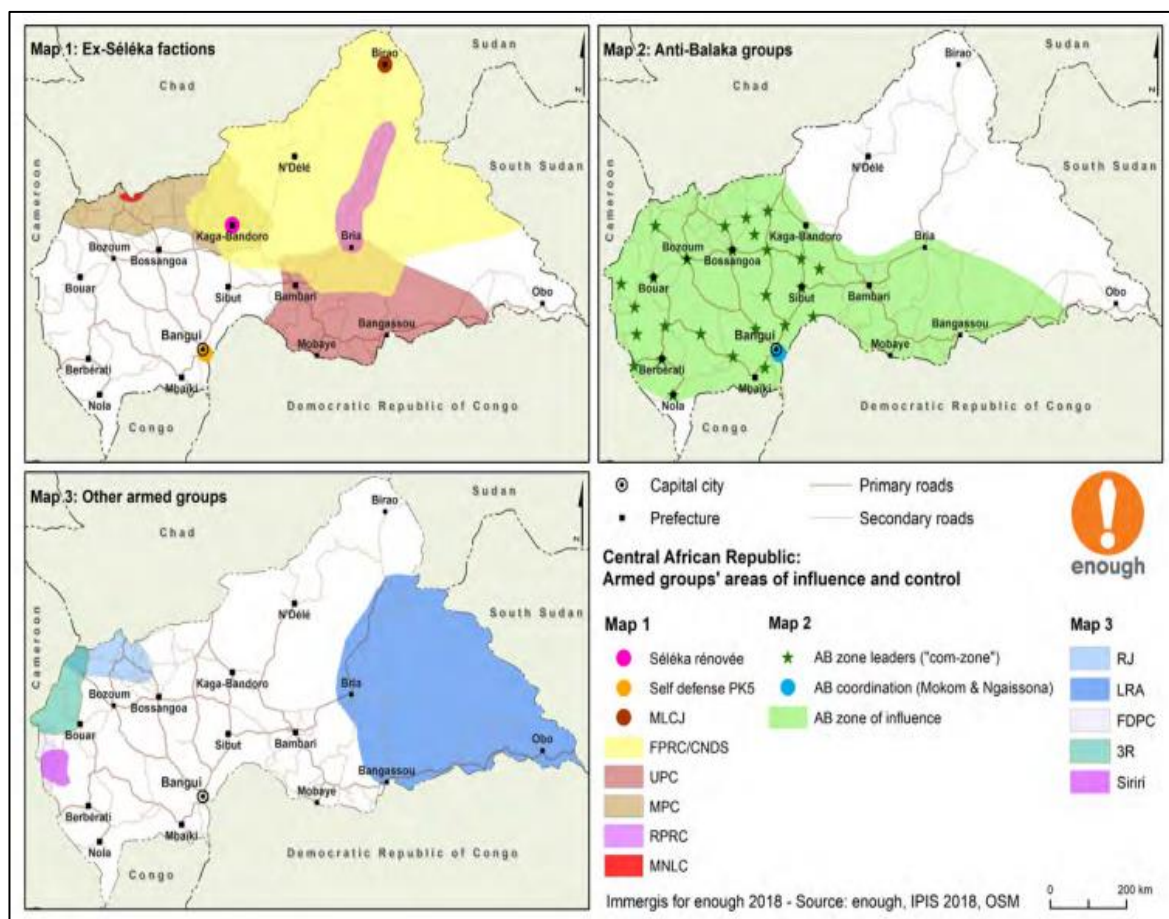


Figura n. ° 6- Influência dos Grupos Armados na RCA

Fonte: Dukhan, 2018, p.4.